

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIENCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *SCRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA**

GENILSON BARBOSA DO CARMO

RUA E DISCURSO: ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO E PROTESTOS

**Cáceres – MT
2019**

GENILSON BARBOSA DO CARMO

RUA E DISCURSO: ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO E PROTESTOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT), com requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Artiaga R. da Motta

Cáceres – MT

2019

© by Genilson Barbosa do Carmo, 2019

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

CARMO, Genilson Barbosa do.
C287r Rua e Discurso: Espaço de Significação e Protestos
/ Genilson Barbosa do Carmo – Cáceres, 2019.
95 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto
Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de
Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do
Estado de Mato Grosso, 2019.
Orientador: Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta

1. Vem Pra Rua. 2. Manifestação de Rua. 3. Análise
de Discurso. I. Genilson Barbosa do Carmo. II. Rua e
Discurso:: Espaço de Significação e Protestos.
CDU 81'42

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

GENILSON BARBOSA DO CARMO

RUA E DISCURSO: ESPAÇO DE SIGNIFICAÇÃO E PROTESTOS

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta
(Orientadora – PPGL/UNEMAT)

Prof.^a Dr.^a Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida
(Membro Interno – ProfLetras/UNEMAT)

Prof. Dr. Élcio Aloísio Fragoso
(Membro Externo – PPGL/UNIR)

Prof.^a Dr.^a Joelma Aparecida Bressanin
(Suplente – PPGL/UNEMAT)

APROVADA EM: 24/06/2019

Por todo o amor e dedicação empregados a mim durante toda uma a vida, dedico esta conquista à:

Joseny Ramos Barbosa (*in memoriam*)

Àquela que me ensinou as primeiras lições da vida e por quem meu coração se enche de saudade. *Sempre trago-a presente em meu coração, Guerreira, Saudosa, Mamãe.*

Memória passada que recorta presente, projetando doces sentidos à vida.

AGRADECIMENTOS

Aqui finalizo mais um ciclo, se me perguntarem se esta pesquisa está pronta e acabada, prontamente responderei **NÃO!** Pois a cada nova leitura, inúmeras outras análises se abrem a minha mente, contudo, é chegada a hora que preciso colocar um ponto. Certo que dessa pesquisa inúmeros outros caminhos surgiram.

Lembro com carinho das várias pessoas que contribuíram de maneira direta e indireta para que esse sonho se tornando realidade. Retomo aqui o enunciado de uma canção que produz sentidos a este momento específico “Sonho que se sonha só, é um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade” (Prelúdio- Raul Seixas).

Começo agradecendo a Deus, por sua infinita bondade, certo que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus (Rm.8:16). Porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas, glória, pois, a Ele eternamente. (Romanos 11:36).

Aos meus pais **Pedro Ferreira do Carmo, Joseny Ramos Barbosa** (*in memoriam*) e minha madrastra **Vanusa Rosa da Silva Sousa**. Pessoas que sempre me apoiaram a seguir os estudos. Em momentos de dificuldade, sempre estiveram presentes, para que eu pudesse dedicar-me apenas aos estudos. Sigo adiante por vocês.

Aos meus irmãos **Joilson, Adriano, Leidiane, Edemilson, Geisiane, Camila e João Pedro**, bem como a todos os meus Cunhados e Cunhadas, por todo o incentivo ao longo desses anos, aprendo diariamente com cada um de vocês.

Como não lembrar dos meus amados sobrinhos e sobrinhas que trazem a dose de alegria diárias a minha vida, meu amor por vocês é incondicional, vocês recarregam minhas energias - Leticia, Leandro, Thawanny, Júlia, Yasmin, Sophia, Guilherme, Murilo, Carlos Eduardo, Luiz Felipe, Louise, Bryan e Derick.

Agradeço ainda a pessoa mais doce e gentil que conheço, minha namorada **Jacqueline Michelle**, pelo amor irrestrito, pela paciência nos meus momentos de nervosismo, pela cumplicidade e parceria em todas as etapas desse projeto. AMO VOCÊ.

Agradeço a **Prof.^a Ana Luiza**, minha orientadora, pela disponibilidade e paciência que me acolheu ainda na graduação e desde esse tempo me acompanha, orienta, ensina, mostrando os caminhos. Agradeço por ter acreditado em mim e na minha pesquisa, por não ter desistido frente aos grandes desafios cotidianos. Todas as palavras tornam-se pequenas frente à enorme gratidão que tenho por tudo que me ensinou, espero que juntos ainda continuemos na constante construção do conhecimento. A você meu eterno e sincero: Muito Obrigado!

Professora **Sandra Raquel**, agradeço o carinho e atenção que dedicou a este trabalho, pelas preciosas contribuições, e principalmente por ter aceito o convite para avaliar este trabalho. Nos momentos de dúvidas, sempre esteve ao meu lado.

Professor **Élcio Fragoso**, agradeço pelas valiosas contribuições em Análise de Discurso, por ter aceitado participar deste momento único e especial em minha vida. Sua sensibilidade com meu texto, sua análise fina, seus apontamentos, direcionamentos e reflexões enriqueceram, ainda mais, o trabalho.

Professora **Joelma Bressanin**, agradeço por ter me apresentado a disciplina de Análise de Discurso ainda na graduação, onde pude iniciar as leituras teóricas. Agradeço ainda por todo apoio no decorrer da minha vida acadêmica. Bem como por novamente aceitar compor minha banca de avaliação (suplência).

Agradeço ainda a todos os meus professores do curso de Letras UNEMAT/Cáceres, que me apresentaram os estudos da linguagem. E a todos os professores do PPGL/UNEMAT, com os quais aprendi para muito além dos conhecimentos Linguísticos, como profissionalismo e ética.

Agradeço aos meus colegas de sala, pelas trocas de conhecimentos, e pela boa e divertida convivência durante as aulas. Levarei essas lembranças para vida!

Aos meus amigos **Flávio, Sergilaine, Rosiane e Elda**, pelas construções coletivas, por serem pessoas tão especiais com quem sei que sempre posso contar, vocês abrilhantam ainda mais este momento especial.

De modo especial agradeço aos amigos **Amilton Flávio e Welliton Bindandi**, pela paciência, dedicação e agilidade com que sempre ajudaram a resolver minhas dúvidas, é até difícil agradecer, as palavras são sempre muito pequenas diante da admiração, gratidão e amizade que nutro por vocês.

À Direção, Coordenação, Professores e Funcionários da Escola Natalino Ferreira Mendes, situada na cidade de Cáceres-MT, representados pelos professores (a): **Leoneide, Patrícia, Luzia, Sônia e Romar**, por compreenderem a importância da qualificação profissional, dando-me todo o apoio para que este sonho pessoal se tornasse realidade, acredito que um profissional qualificado forma alunos bem preparados.

À CAPES, pelo incentivo à pesquisa.

À UNEMAT, instituição gigante, pela formação gratuita e de qualidade na formação de profissionais para educação. Tenho orgulho de fazer parte dessa história!

Feliz aquele que transfere
o que sabe
e aprende o que ensina.
(Cora Coralina)

RESUMO

Neste trabalho, inscrevemo-nos na área de concentração dos estudos de processos linguísticos e linha de pesquisa de estudos de processos discursivos do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. (PPGL-UNEMAT). Assim, com foco na Análise de Discurso de linha Francesa, pretendemos desenvolver uma pesquisa que busque analisar o discurso político e ideológico do movimento *Vem Pra Rua*, que emergido da sociedade civil, mobilizou e sensibilizou pessoas nas ruas e nas redes sociais para saírem às ruas e se manifestarem. Desta forma, buscamos compreender o modo como a língua é/está sendo mobilizada/significada, nos e pelos discursos do movimento *Vem pra rua*. Pensando como a rua é (re) significada como um grande palco de lutas de posições político-ideológicas e quais as condições de produção que possibilitaram o surgimento e fortalecimento das diferentes formações discursivas que entoavam amparadas pelo discurso de grave crise política/economia que pairava sobre o país durante os anos de 2013 a 2015, de forma que a “rua” torna-se um espaço constitutivo de sentidos, onde o sujeito participa das discussões de uma política de Estado dentro de suas posições política-ideológicas. Nessa direção, pensar a língua sendo tomada pelo sujeito enquanto produção de sentidos, significando e sendo significado por ela, é algo que nos possibilita relacionar à exterioridade, enquanto constitutiva desse sujeito e dessas relações. Pois, pensar o sujeito atravessado ideologicamente, tomando posição, via manifestação, é algo que tem a ver com uma dimensão muito maior: a desestabilização de um paradigma socialmente imposto. São essas relações sociais, político-ideológicas que nos movem a pensar o funcionamento dos movimentos de rua. Trabalharemos com recortes de imagens que foram divulgadas nos principais veículos de mídias, e campanhas publicitárias deste período, analisando os deslizamentos de sentidos, as derivações, paráfrases e polissemias de um mesmo enunciado, visando compreender o discurso e a posição do sujeito manifestante nas ruas e/ou nas redes. Desse modo, o trabalho conta com uma discussão ampla sobre o funcionamento do discurso, a memória discursiva, bem como a interpelação ideológica e seus sentidos produzidos a partir de uma relação constitutiva entre Língua, Sujeito e História.

Palavras chaves: *Vem Pra Rua*, Manifestação de Rua, Análise de Discurso

ABSTRACT

In this work, we subscribe in concentration area of studies of linguistic processes and research line of discourse processes studies of the University of Mato Grosso Postgraduate Program in Linguistics (PPGL-UNEMAT). Therefore, the focus is on French Line Discourse Analysis, we developed a research that analyzed the political and ideological discourse of the “Vem Pra Rua” (Come to the streets) movement, which emerged from civil society, this movement mobilized and sensitized people in the streets and social networks to go out and protest. In this way, we seek to understand the way language is / is being mobilized / meaning in and through the discourses of the Come to the street movement. We think about how the street is (re) signified as a great stage of struggles of political-ideological positions, and the different conditions of production that made possible the emergence and strengthening of the different discourses that were supported by the discourse of serious political crisis / economy that hung over the country during the years 2013-2015, so that the “street” becomes a constitutive space of meanings, where the subject participates in discussions of a state policy within their political and ideological positions. In this sense, we can think of the language and the subject as constitutive of meanings, which enables us as a subject to mean themselves. Because for us to think the subject through discourse through manifestation has to do with a much larger dimension in language studies. The destabilization of a linguistic paradigm imposed by the discourse standard. So, these relations, political-ideological proper to the language that move us to think about the functioning of street movements. Thus, we worked with clippings of street movements that were released by the media, and advertising campaigns from 2013 to 2015, analyzing the slips of meaning, the derivations, paraphrases and polysemias of the same statement, as we intending to understand the discourse and position of the protester as a subject in the streets and / or in social networks. Thus, the work has a broad discussion about the functioning of discourse, discursive memory, as well as ideological interpellation and their meanings produced from a constitutive relationship between Language, Subject and History.

Keywords: Come to The Street, Street Protest, Discourse Analysis

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Confronto PM e manifestantes.....	32
Figura 02: Manifestante com cartaz	49
Figura 03: Somos a rede social.....	51
Figura 04: Campanha FIAT.....	56
Figura 05: Cartaz da campanha “Vem Pra Urna”.....	73
Figura 06: Campanha TSE	77
Figura 07: Campanha TSE	79
Figura 08: Cartaz campanha alistamento jovem.....	82
Figura 09: Cartaz campanha alistamento jovem.....	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS MOVIMENTOS DE RUA NO BRASIL	16
1.1 A Revolta do Vintém	24
1.2 “Não são só 20 centavos”, o percurso de mobilização.	27
1.3 A rua como espaço de manifestação.....	34
CAPÍTULO II: O DISCURSO NAS REDES E O MOVIMENTO NAS RUAS	39
2.1 A importância da tecnologia e das redes sociais nos discursos dos movimentos sociais	41
2.2 Efeitos de sentido da campanha publicitária da fiat (2013).....	55
2.3 Circulação dos sentidos nos Manifestos Pré-Copa do Mundo	61
2.4 A utilização de enunciados do Hino Nacional Brasileiro nas manifestações (2013-2015)	63
CAPÍTULO III: MOVIMENTO “VEM PRA RUA” E SEUS DESLIZAMENTOS DE SENTIDO	68
3.1 Sentidos em movimento: pra rua e pra urna	70
3.2 Os deslocamentos de sentidos do “vem pra rua” 2013 ao “vem pra rua 2015” .	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

INTRODUÇÃO

Por buscar compreender o funcionamento da língua e todo o arcabouço teórico que envolve o discurso, é que optamos caminhar por meio dos princípios norteadores da Análise de Discurso. Para Orlandi, a Análise de Discurso procura “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. (ORLANDI, 2013, p.15). Em outras palavras, é essa capacidade de significar, de construir sentidos do homem pelo simbólico, mediado pelo discurso que nos deteremos.

A Análise de Discurso compreende o discurso como uma mediação necessária entre o homem e a realidade, o social, tornando possível a permanência e a continuidade bem como o deslocamento e a transformação do homem, da linguagem e da realidade em que vive. “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. (ORLANDI, 2005, p.15).

Neste trabalho, com foco na teoria da Análise de Discurso de linha Francesa, pretende-se desenvolver uma pesquisa que busque analisar o discurso político/ideológico do movimento *Vem Pra Rua*, que emergido da sociedade civil, mobilizou e sensibilizou pessoas nas ruas e nas redes sociais para saírem às ruas e se manifestarem. Desta forma, busca-se compreender o modo como a língua é e está sendo mobilizada e significada nos/pelos discursos do *movimento de rua*. Pensar como a rua é (re) significada como um grande palco de lutas de posições político e ideológicas e discutir as condições de produção que possibilitaram o surgimento de diferentes movimentos de rua que entoavam, amparados pelo discurso de grave crise política e economia que pairava sobre o país durante o governo da Presidente Dilma Rousseff, de forma que a “rua” torna-se um espaço constitutivo de sentidos, onde o sujeito participa das discussões de uma política de Estado dentro de suas posições políticas ideológicas.

Assim, a partir desta pesquisa buscamos compreender o funcionamento da língua pelo discurso, a memória discursiva, bem como a interpelação ideológica e seus sentidos produzidos a partir de uma relação constitutiva entre Língua, Sujeito e História. Procuramos analisar o discurso sobre/da rua como um espaço de significação e protesto, pensando como os dizeres se propagam, significam e (re) significam, no percurso das manifestações.

Pensar a formação dos modos de identificação do sujeito com o manifesto, sendo que este ocorre através de processos de subjetivação e do assujeitamento, passando o

sujeito a constituir-se no mundo, a qual o indivíduo estabelece relações de pertencimento, ou seja, constitui seus processos de identificação.

Nossos questionamentos partem do interesse em compreender como a rua é significada e (re) significada nos protestos, pensando-a como um espaço de significação, tomando como princípio a memória discursiva de outros manifestos, utilizando-nos da história de modo a significar a rua e os sujeitos que a utilizam. Visamos também compreender a posição sujeito de direitos e deveres a partir do discurso das manifestações sociais de rua, durante os movimentos que ocorreram no Brasil no período que abrange os anos de 2013 a 2015. De modo que esta pesquisa se propõe a pensar o funcionamento discursivo dos manifestantes nas ruas das diversas cidades brasileiras, discutindo de forma sucinta a cidade enquanto sentido, corporeidade em que se movimentam os discursos das manifestações sociais – rua – espaço da significação, como também a maneira como os manifestantes se fazem ouvir pelo/no movimento de ir às ruas para protestar.

Assim, compreender pelo discurso das manifestações de rua e redes sociais, língua, sujeito e espaço, mobilizando conceitos teóricos da Análise de Discurso que pelos dispositivos teórico e analíticos nortearão o desenvolvimento da pesquisa

Os recortes propostos ao longo dos capítulos são justificados em razão de sua relação com as condições de produção, pois trata-se de recortes de diferentes funcionamentos discursivos de protestos de rua. Tomamos como *corpus*, neste trabalho, os discursos materializados em faixas, cartazes, jornais, bem como as campanhas publicitárias que mobilizaram dizeres e sentidos ressignificados a partir do movimento *Vem Pra Rua*, ocorrido entre 2013 e 2015.

Para isso, dividimos o nosso trabalho em três capítulos de análise, onde propomos distintos trajetos. No primeiro capítulo, denominado “As condições de produção dos movimentos de rua no Brasil”, refletimos sobre a rua como espaço de manifestação, analisando como se produziu e reproduziu os sentido dos discursos de protestos do movimento *Passe Livre* (2013), que ecoa a memória discursiva de outros movimentos de rua, tais como a *Revolta do Vintém* (1879).

No segundo capítulo, denominado “Discurso nas redes e movimento nas ruas”, fizemos um percurso histórico do processo da tecnologia e das redes sociais, que são ferramentas importantes na propagação dos discursos dos movimentos Sociais. Analisamos também, os acontecimentos que antecedem a Copa do Mundo (junho e

julho de 2014), abordando discursivamente questões que culminam às manifestações do movimento *Vem Pra Rua*. Ainda nesse capítulo, analisamos o deslizamento de sentido do enunciado “Vem Pra Rua”, que inicialmente surge como uma convocatória para as festividades dos jogos no Brasil, contudo, esse enunciado foi ressignificado no percurso das manifestações para uma convocatória para os protestos no Brasil.

No terceiro capítulo, denominado Movimento *Vem Pra Rua* e seus deslizamentos de sentido, abordamos alguns recortes da campanha do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de 2014, intitulado “Vem Pra Urna” que pelo efeito metafórico produz sentidos distintos.

Assim, a nossa questão incide em compreender, discursivamente, os sentidos do enunciado “Vem Pra Rua”, amplamente compartilhado pelos manifestantes em 2013 ao movimento denominado *Vem Pra Rua* no ano de 2015, a maneira como se produziu e reproduziu o sentido dos discursos durante esse período.

CAPÍTULO I

AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS MOVIMENTOS DE RUA NO BRASIL

Este capítulo tem como objetivo apresentar um breve percurso sócio-histórico e político de manifestações de rua, ocorrido no Brasil entre 2013 e 2015. Também buscamos compreender, pelas análises, questões políticas e sociais sobre as manifestações, conhecidas como as *Jornadas de Junho*. Essas manifestações remetem a uma memória discursiva, acontecimentos que já ocorreram no Brasil, como a *Revolta do Vintém*, bem como outros movimentos que ocorreram pelo mundo, a exemplo da *Primavera Árabe*. É importante remetermos às palavras de Orlandi (2006, p. 22) que afirma: “todo dizer acompanha-se de um dizer já dito e esquecido que o constitui em sua memória”.

A memória discursiva é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2002, p. 31). Pela memória discursiva, os enunciados pré-construídos retornam na formação discursiva e estabelecem relações de sentidos com o que já foi dito. Um modo de funcionamento do interdiscurso, a memória discursiva.

A memória discursiva é enfatizada por Pêcheux (2016 [1975]) como *interdiscurso*, um saber que possibilita que nossas palavras façam sentido, o interdiscurso é elaborado, pela Análise de Discurso, como algo que fala, significa antes, em outro lugar e independente e que afeta o modo como o sujeito se significa na formulação do discurso, ou seja, refere-se ao “já dito” ainda que falado em outro lugar, mas que alinhava pelo discurso. “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação dada”. (ORLANDI, 2002, p. 31).

É importante fazer menção às palavras de Ferreira (2001), quanto a ressignificação do sujeito em face do “repetível”, do que “significa antes”:

Compreende o conjunto das formações discursivas e se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a ressignificação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva. O interdiscurso determina materialmente o efeito do encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o puro “já-dito”. (FERREIRA, 2001, p. 06).

Desse modo, verificamos que o interdiscurso, compreendido como uma memória discursiva, um já-dito, ou seja, um saber discursivo, constituído socialmente; ainda que

o sujeito ao dizer tenha a ilusão de ser dono do seu discurso ele está dentro de um contínuo, uma vez que todo o discurso remete a um já-dito.

Para Orlandi (2002, p. 32), o conceito de interdiscurso de Pêcheux possibilita compreender que “o discurso está ligado a esse saber discursivo, que não se aprende, mas que produz seus efeitos através da ideologia e do inconsciente”.

A ideologia, conforme Pêcheux (1995)

Fornecer evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascarem, assim, sob a “transparência da linguagem” aquilo que chamamos de caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. A ideologia não são ideias, mas prática, desta forma ela está condicionada à prática. Ela produz o efeito de evidência, sendo este um efeito ideológico. (p.132).

A ideologia, portanto, refere-se a um mecanismo que ofusca o processo de significação, ou seja, as palavras não estão ligadas às coisas diretamente. “A ideologia, na Análise de Discurso, está na produção da evidência do sentido (só pode ser 'este') e na impressão do sujeito ser a origem dos sentidos que produz, quando na verdade ele retoma sentidos pré-existentes.” (ORLANDI, 2002, p.16).

Importante fazermos a distinção do conceito de ideologia na Análise de Discurso com outras conceituações, nas quais ela é confundida com visão de mundo, ou pensada como aquilo que oculta à realidade. A ideologia, na perspectiva discursiva, constitui o mecanismo estruturante do processo de significação, ou seja, “(...) as palavras não estão ligadas às coisas diretamente, nem são o reflexo de uma evidência. É a ideologia que torna possível a relação palavra/coisa”. (ORLANDI, 2002 p.95). Assim, o sentido não está na literalidade. É preciso observar as condições de produção, em que a palavra está sendo tomada.

Nesse direcionamento teórico, buscamos trazer o percurso sócio histórico dos movimentos de rua (2013), e revolta denominada a *Revolta do Vintém* (1879 /1880), ocorrido no Brasil a mais de um século. Verificamos que as duas manifestações mencionadas possuem pontos semelhantes, sendo que para compreender o que foram esses movimentos serão necessários desenvolver alguns conceitos teóricos da Análise de Discurso, e os modos de funcionamentos.

Para compreender o discurso, o modo de funcionamento de um movimento social, é necessário analisar previamente as condições de produção. Para tanto, suscita-

se o entendimento sobre o que venha ser condições de produção. Assim, conforme Orlandi (2010) as condições de produção compreendem,

As circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, e o contexto imediato. (...) Por exemplo, em uma situação de sala de aula, a situação imediata, as circunstâncias de enunciação compreendem o contexto da sala de aula com o professor e os alunos (p.14).

O sentido amplo como,

O contexto amplo é o que traz para consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas instituições, entre elas a Universidade, no modo como elege representantes, como organiza o poder, distribuindo posições de mando e de obediência. (ORLANDI, 2010, p.31).

Para Orlandi (1999), as condições de produção surgem da relação do sujeito com a situação, neste ponto convém esclarecer que o sujeito, aqui, não será compreendido como a fonte do discurso, mas como um efeito ideológico elementar, fruto da interpelação da ideologia. Assim, “[...] Não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua [...]” (ORLANDI, 2015 p. 22).

Dito isto, há de se pensar (cf. PÊCHEUX, 1995) que não há discurso sem sujeito, como não há sujeito sem ideologia. O sujeito significa pela submissão à linguagem, sendo assim, o sujeito está sujeito à língua, para ser sujeito da língua. Desta forma, não existe sujeito sem o assujeitamento à língua. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, idem).

Outro apontamento necessário diz respeito a situações de esquecimento, segundo Pêcheux (2009), duas são as situações de esquecimento que envolve o sujeito resultante da interpelação de indivíduos, a primeira é que o sujeito considera-se fonte do sentido de uma sequência de enunciados, e na segunda, prevalece a impressão de realidade que o sujeito tem de determinada situação, enquanto desconsidera inconscientemente tudo aquilo que não seleciona como dizível.

Portanto, o sujeito é compreendido na sua posição projetada no discurso, e não como sujeito empírico, como bem ensina Orlandi (2015), ou seja, o analista de discurso estuda a posição sujeito no discurso. Nesse sentido, a pesquisa busca analisar o efeito de sentido, a posição-sujeito manifestante. Segundo o dicionário Houaiss, manifestante é definido de forma descritiva como aquele que se manifesta, que participa de manifestação pública de caráter político, reivindicatório. De um ponto de vista

discursivo, o termo manifestante é compreendido pelo funcionamento do discurso. De modo que se observa pelo discurso o sujeito produzindo linguagem, discurso.

Ferreira (2001) diz que:

Uma posição-sujeito não é uma realidade física, mas um objeto imaginário, representando no processo discursivo os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Deste modo, não há um sujeito único mas diversas posições sujeito, as quais estão relacionadas com determinadas formações discursivas e ideológicas. (FERREIRA, 2001, p. 21)

Deste modo, podemos dizer que um mesmo sujeito assume diferentes posições em diferentes formações discursivas. Orlandi (2005) explicita que o sujeito só tem acesso a parte do que diz, sendo atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário. O sujeito, conforme os pressupostos teóricos da Análise de Discurso, é afetado pela língua e pela história.

Neste ponto, é importante compreender a posição de um sujeito discursivo em face ao dizer, pois do lugar que determinado sujeito ocupa, marca-se no discurso. “É a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz” (ORLANDI, 2005, p. 49).

Podemos dizer, então, que os sujeitos quando colocados em uma determinada posição e/ou situação, produzem um sentido relativo à sua inscrição a uma determinada formação discursiva, ou seja, “não é uma forma de subjetividade mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz” (ORLANDI, 2005, p. 49).

Assim, percebemos que para falar de um determinado movimento, movimento de rua, neste caso, é imprescindível o entendimento sobre as condições de produção, a posição do sujeito manifestante. Nesse sentido, será abordado os temas históricos propostos não apenas como manifestações e ou revoltas, mas como um fato discursivo, com o objetivo de analisar o funcionamento da língua.

A conjunção da língua com a história se dá pelo funcionamento da ideologia. A língua é a base do discurso, do processo de significação. De modo que a materialidade da ideologia é o discurso. E, é pelo discurso que se tem acesso à língua. Dessa maneira, na posição de analistas de discurso, colocamos à escuta dos sentidos produzidos pelos discursos dos movimento sociais, de modo a compreender como estes foram constituídos, formulados e circulados no espaço urbano, em especial os movimento de rua, ocorridos entre 2013 e 2015. Dando visibilidade, assim, à memória discursiva, ao efeito do pré-construído que tais discursos mobilizam. Portanto, sob a perspectiva

teórica da Análise de Discurso, será trabalhado a relação do simbólico com a memória e a ideologia na constituição do sujeito e na produção dos sentidos.

Como se pode perceber, os sentidos não são evidentes, embora funcionem como sendo transparentes. Isso decorre em função da ideologia, é ela quem naturaliza os sentidos. Assim, é preciso que não se fique apenas nos efeitos de evidência, estacionando nosso olhar naquilo que está cristalizado, pois a linguagem não é transparente, nem unívoca, e também não é apenas uma transmissora de informação, no respectivo esquema: emissor, receptor, código, referente e mensagem, mas é uma relação de linguagem, e, isto significa que “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados” (ORLANDI, 2009, p 21).

Assim, entendendo que o sujeito é constitutivo das relações de linguagem, tentaremos pelo discurso discutir a linguagem e seu funcionamento, a partir de distintos movimentos sociais. Os movimentos sociais a serem abordados, aqui, ocorrem dentro de uma sociedade que sofre constantes mudanças e ou transformações dos mais variáveis níveis, em aspectos tecnológicos, culturais, sociais, ideológicos e políticos. Tais mudanças atravessam e interpelam os sujeitos em múltiplos sentidos. A partir dessas mudanças, surgem inúmeros descontentamentos individuais que em dado momento são “unificados” por um determinado grupo social que se imobilizam para dar visibilidade, no espaço urbano, a distintos problemas e possíveis soluções.

Neste ponto, é possível verificar a importância de pensar pelo gesto analítico o sujeito-corpo no discurso dos movimentos sociais. O corpo, aqui, será pensado não como uma estrutura total e material do organismo humano, mas como um corpo repleto de sentidos e memórias, pensado como um espaço de resistência, de protesto¹ e reivindicações, de materialidade significativa. (ORLANDI, 2012).

Ferreira (2013) realiza o desdobramento do conceito de corpo-memória, em que o sentido do corpo resulta da memória do que significa em outro lugar, sendo que a memória opera a partir do sujeito e das condições de produção. O sujeito e o sentido decorrem dessas inscrições.

Nos movimentos sociais, os sujeitos que resistem e protestam às ruas passam a constituir de certa forma a corporeidade da cidade, pelo próprio gesto como se dá a ler, na urbanidade. Orlandi (2004, p.11) diz que “no território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um”, atando-se de tal modo que “um não se separa do destino

¹ O dicionário Houaiss define protesto como o ato ou efeito de protestar, reclamar; Grito, brado de repulsa ou de não concordância com relação a algo. Declaração de desacordo.

do outro”. Neste ponto, adiantamos que a rua (assunto a ser tratado de uma maneira mais aprofundada no decorrer deste capítulo) também adquire corporeidade e assume uma posição de protagonismo nas manifestações, a rua passa a ser pensada como espaço constitutivo, de sentido à cidade, de um espaço de leitura para a sociedade.

A cidade, conforme Orlandi (2004), é compreendida como um local de múltiplos efeitos de sentido, é lugar em que o sujeito se significa de vários modos, uma vez que a cidade significa e é significada por e para sujeitos. Dessa maneira, todas as determinações que definem um espaço e/ou um sujeito cruzam-se no espaço da cidade. É no espaço *citadino* que os manifestos tomam robustez, que a língua em seu funcionamento joga com o interlocutor, captura-o pelo jogo discursivo.

As construções dos movimentos das grandes manifestações de rua, ocorridas no Brasil, permitem questões, olhares sobre as condições históricas de produção de distintos movimentos, tais como o que se inicia no século XIX, durante o período imperial brasileiro, a manifestação² denominada de *A Revolta do Vintém*. A outra manifestação ocorre na atualidade, em junho de 2013. De certa forma, as manifestações se repetem cada qual com uma condição de produção.

É importante conceituar o que se compreende por movimento social, visto que o tema será mencionado inúmeras vezes neste trabalho, e a fim de tomar posição acerca dos vários conceitos apresentados quando se trabalha com esta temática. Ressaltamos que o objetivo não é solucionar ou por um ponto final na discussão, mas o que se entende por movimentos sociais de um ponto de vista discursivo.

Para isso, vejamos, primeiramente, as palavras de Gohn (1999, p. 44), em que define pela sociologia, os movimentos sociais como:

Ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo.

Assim, uma ação coletiva de interesse comum também pode ganhar a substantivação de movimento de interesse coletivo, e essa coletividade a transforma em

² Segundo o dicionário Houaiss, manifestação é o ato de dar a conhecer, de revelar (pensamento, ideia); expressão, revelação. Ato de exprimir-se, pronunciar-se publicamente. Conjunto de pessoas que se reúnem em lugar público para defender ou tornar conhecidos seus pontos de vistas, suas opiniões.

um movimento social. Inicialmente, parece um modo de banalização, o uso indiscriminado da denominação “movimento social” para representar qualquer tipo de associação civil. Segundo Lara Jr. (2018), historicamente, os movimentos sociais eram voltados para o enfrentamento do capitalismo, apresentando o socialismo como uma possibilidade para melhor atender as demandas sociais, assim dando melhores condições de sobrevivência para a população menos favorecida e funcionando como mecanismo fundamental de transformação da sociedade.

Desse modo, a nova fase do movimento social que segundo Krohling (2014) é apresentada em vários artigos e periódicos como “O novo movimento social”, possui como característica a composição e organização por indivíduos que outrora não eram militantes, mas que através do interesse nas ações coletivas passam a participar, buscando a mudança na sociedade por meio de debate político e participação nas grandes manifestações. Tem-se um processo de identificação³ entre o sujeito e a manifestação. Nesse processo reivindicatório, ninguém luta sozinho, a articulação das massas é feita em rede, uma busca incessante de novos personagens para somar forças aos diferentes movimentos reivindicatórios.

É importante notar que, diante da diversidade de personagens e de pautas nas manifestações, não se pode falar em um movimento social, mas sim em uma articulação de vários movimentos sociais, uma rede de movimentos sociais.

Segundo Lenzi (2017), os movimentos sociais são formas de combate aos diferentes modos de discriminação, buscando assim seus direitos e mudanças sociais através do embate político, fortalecendo assim a democracia. As entidades que compõem os movimentos sociais estão em constante acompanhamento das ações do Estado a fim de evitar tomadas de decisões que afetem a sociedade de forma negativa, iniciando um movimento de resistência pressionando o Estado.

A concepção de Estado que se toma neste trabalho é a de Althusser (1985) que define o Estado como um aparelho repressor, coercitivo, que impõem uma dominação ideológica a base da força, como se pode ver:

A tradição marxista é peremptória: o Estado é explicitamente concebido [...] como aparelho repressivo. O Estado é uma “máquina” de repressão que permite às classes dominantes [...] assegurar sua dominação sobre a classe operária para a submeter ao processo de extorsão da mais-valia [...] o aparelho de Estado [...] compreende: não só o aparelho especializado (no sentido estrito) cuja existência e

³ O processo de identificação do sujeito, para Pêcheux (1995), se dá pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina, e em que ele é constituído.

necessidade reconhecemos a partir das exigências da prática jurídica, isto é, a polícia – os tribunais – as prisões; mas também o exército que o intervém diretamente como força repressiva [...] e acima deste conjunto o chefe de Estado, o governo e a administração [...] O aparelho de Estado que define o Estado como força de execução e de intervenção repressiva, “ao serviço das classes dominantes” [...] (ALTHUSSER, 1985, p.31-32, *apud* FERRARO, 2014, 11-12).

Contudo, o aparelho estatal não é apenas repressor, existe uma série de dispositivos que agem como Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). Althusser (1985, p. 44) especifica um “certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato, sob a forma de instituição distintas e especializadas”, como AIE religioso, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, de informações, cultural dentre outros. Ressaltamos, tal como pontua Althusser (*ibidem*), que um AIE se constitui de instituições e suas técnicas agindo a serviço da dominação estatal, que por sua vez dirige suas práticas e concepções de governo de acordo com estruturas de poder e de cultura dominantes.

Diante da soberania do Estado, é possível depreender que grande parcela dos movimentos sociais sejam formados por uma minoria social que se agrupam, formando uma rede reivindicatória para contrapor a problemas sociais. Para Costa (1987, p.12),

As minorias sociais são as coletividades que sofrem processos de estigmatização e discriminação, resultando em diversas formas de desigualdade ou exclusão sociais, mesmo quando constituem a maioria numérica de determinada população. Exemplos incluem negros, indígenas, imigrantes, mulheres, homossexuais, trabalhadores do sexo, idosos, moradores de vilas (ou favelas), portadores de deficiências, obesos, pessoas com certas doenças, moradores de rua e ex-presidiários. Reconhecendo que as minorias só existem porque são estigmatizados e inferiorizados por outros, esta linha as aborda relacional e processualmente, focalizando os processos de discriminação efetuados por grupos dominantes, as consequências desta discriminação e os processos de resistência individual e coletiva.

Podemos dizer que a formação dos movimentos sociais parte de um processo de identificação do sujeito com uma determinada formação discursiva, de uma posição ideológica com a causa. Movimentos que são constituídos por sujeitos sofrem, em distintas condições de produção, a interpelação ideológica das lutas políticas e sociais. A pluralidade de reivindicações às causas, as diversas bandeiras e os objetivos dão dimensão ao movimento que concentra e aglomera inúmeros sujeitos. De modo que, as vozes entoam a vontade por mudanças e essas vozes ao associarem-se, unem-se e

formam um modo de posicionamento político e ideológico. Orlandi (2001, p. 38), afirma que “todo dizer é ideologicamente marcado, é na língua que a ideologia se materializa”.

Desse modo, pensamos os movimentos sociais como práticas de linguagem, tutelado por posicionamentos ideológicos marcantes que se colocam em uma posição x que, investidos dos seus direitos, almeja exercer sua cidadania, no Estado Democrático de Direito.

Ainda, segundo Lenzi (2017), os movimentos sociais podem ser classificados nos seguintes tipos:

- **Movimentos de classe:** são os movimentos ligados às diferentes classes sociais e buscam alguma mudança na ordem social existente, principalmente em relação à diminuição de desigualdades sociais,
- **Movimentos políticos:** têm como principal objetivo chamar a atenção da população para a importância da participação na vida política e nas decisões do país,
- **Movimentos reivindicatórios:** são os movimentos que buscam soluções para situações mais urgentes e que usam a pressão contra o Estado para conseguir as mudanças pretendidas,
- **Movimentos rurais:** também são chamados de movimentos do campo e as principais causas são relacionadas à distribuição de terras para a agricultura (reforma agrária) e a substituição da força de trabalho humana pelas máquinas,
- **Organizações não governamentais (ONGs):** são organizações sociais sem objetivo de lucro que se organizam por determinadas causas ou para ajudar grupos sociais específicos. Podem atuar em qualquer área (educação, saúde, assistência social, meio ambiente, entre outras).

Observamos, conforme explicita Lenzi (idem) que cada movimento tem a sua posição política e ideológica, distintiva que os particulariza nos processos reivindicatórios. O que chama a atenção é justamente o termo movimento. Que dependendo da formação discursiva tem o seu sentido. Neste momento, não nos deteremos a uma análise, mas retomaremos no percurso do trabalho.

Vejamos o processo discursivo de denominações de duas manifestações de rua: *A Revolta do Vintém* (1879 /1880) e o *Movimento por Passe Livre* (2013).

1.1 A Revolta do Vintém

O dicionário Houaiss (2009), descreve a palavra *revolta* como um *ato ou efeito de revoltar-se, grande perturbação; agitação. Manifestação coletiva, organizada ou não, de insubmissão contra qualquer autoridade; rebelião; motim*. Do ponto de vista discursivo, o nome da manifestação denominada *Revolta do Vintém* - a palavra

“revolta” - remete à manifestação de oposição da população às decisões tomadas pelo Império.

Segundo Jesus (2006), a *Revolta do Vintém* é entendida, como um fenômeno social, pois refere a um movimento popular marcado contra o aumento das tarifas dos bondes. As manifestações eram organizadas por representantes da sociedade civil e contava com a participação da grande massa⁴ menos assistida da sociedade. Desempregados, estarecidos com as ações do governo monárquico, tomam as ruas para protestar contra o aumento da tarifa do bonde que, à época era o principal meio de transporte da população do Rio de Janeiro.

Segundo Jesus (2006), no início de dezembro de 1879 ocorria discussões sobre o novo imposto da coroa e do parlamento, o “imposto do Vintém”. Este visava à contenção do déficit orçamentário da Coroa. Tal imposto iria vigorar em 1º de janeiro de 1880. Assim, a imprensa local repercutia a notícia que a cobrança do imposto ocorreria de maneira indiscriminada sobre cidadãos e súditos, não levando em consideração a diferença dos rendimentos entre as classes. Questionamentos foram levantados referentes a essa desigualdade, pois a taxaçoão até o presente momento era equivalente a rendas, o que equivale dizer que cada setor era tributado na proporção dos seus rendimentos e lucros.

Em janeiro de 1880, os conflitos que eclodiriam foram deflagrados a partir de um aumento proposto pelo governo imperial e que atingira toda a população. Tal medida fora duramente questionada, pois uma parcela da sociedade discordava da cobrança igualitária entre membros de classes diferentes e que, conseqüentemente, com poderes aquisitivos distintos.

Os bondes, nesse período, eram puxados por tração animal e eram considerados como o principal transporte coletivo para os deslocamentos pela capital imperial. A inserção desse veículo no Rio de Janeiro gerou um sensível aumento do número de passageiros conduzidos, dando a dimensão do que hoje se chamaria de transporte de massa. Salientamos que este era o principal transporte dos menos favorecidos para chegar até seu local de trabalho. (JESUS, 2006)

Com a medida imposta pela coroa de tributar diretamente os usuários, ocorreu o descontentamento generalizado da população mais humilde da corte, sendo levantado

⁴ Segundo dicionário Priberam, grande massa, refere-se ao conjunto não delimitado de indivíduos considerados fora das estruturas sociais tradicionais e que constituem o objetivo sociocultural de certas atividades, ou ainda define como grande reunião de pessoas. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/massa> [consultado em 27-03-2019].

outros pontos pertinentes àquele momento, tais como o desemprego e as condições sanitárias precárias presentes na sociedade, tais como a falta de moradia, entre outros.

Conforme Jesus (2006), várias pessoas descontentes com a situação (mencionada) reuniram-se em praças públicas para expressar o descontentamento com a medida governamental, alegando o baixo nível de vida da maioria dos habitantes da capital do império. O autor pontua ainda que em 28 de dezembro, na manifestação que ocorria no Campo de São Cristóvão, fora feito uma petição que seria entregue ao imperador solicitando a revogação do imposto. Contudo Dom Pedro II informa que aceitaria receber apenas um número reduzido de manifestantes, uma comissão como os “representantes do povo”. Proposta que os manifestantes recusaram em vista da tardia manifestação do Imperador. De modo que os manifestantes incluíam outros fatores ao manifesto a ser entregue ao Imperador Dom Pedro II, ou seja, as reivindicações já não eram apenas o aumento do vintém.

O gesto de aumento do valor da tarifa mostra-se impopular e gera, portando, protestos na imprensa e na população em geral. Observamos que no período do século XIX, o país passava por instabilidade econômica, política, bem como dificuldades econômicas em parte da população, o que fez com que o processo se agravasse.

Verificamos que a população não se assujeita as condições políticas e sociais do país, e através dos manifestos, somam-se forças para resistir contra o sistema, cada qual com sua condição de produção. Ou seja, a população, diante das condições políticas e sociais do país, une forças para resistir contra o sistema, organizando uma manifestação política e ideológica em busca de seus direitos.

Segundo Andrade (2008), é preciso analisar a *Revolta do Vintém* não apenas como uma reação de revolta contra um ou mais impostos, mas contra o descontentamento sobre a forma, a relação do Estado com a população que se transformava. Consta que a posição inicial dos manifestantes era fazer valer os direitos que reconheciam e que já eram instituídos. Porém, o desrespeito a esses direitos resultou nas ações contra o poder instituído. Nesse período, não era reconhecida a participação das pessoas comuns no cenário político, existia um conformismo em massa, ou seja, ocorria um controle social pelas camadas privilegiadas da sociedade, que mantinham os homens, ideologicamente, presos em uma espécie de “cegueira social”.

Os conflitos sociais foram tratados como movimentos "inconscientes" e "inconsequentes", posto a dificuldade de os estudiosos identificarem uma classe à frente de movimentos reivindicatórios. Assim, os

movimentos anteriores à formação de uma categoria formada por operários eram desconsiderados, porque não conseguiam identificar qual era a verdadeira consciência social dos pobres, dos trabalhadores, e as suas formas de expressão. Muitos movimentos foram convertidos à própria imagem das autoridades de cada época. (ANDRADE, 2008).

Podemos dizer, então, que a *Revolta do vintém* inaugura no Brasil a participação política dos menos favorecidos nas lutas sociais. Segundo Jesus (2006), o movimento se constituía por um número reduzido de manifestantes quando comparado a quantidade de habitantes da cidade do Rio de Janeiro. Para o autor, esse fato aponta para o descrédito inicial do movimento, visto que era tido como uma espécie de “baderna nas ruas”. O ato não era reconhecido como um gesto de manifestar, como parte do processo de construção de uma sociedade. Para Andrade (2008), as pessoas que participavam dos atos, em sua grande maioria, eram pessoas carentes, sem acesso aos estudos, e que desconheciam seus direitos de poder manifestar. Observa-se, contudo, no posicionamento dessas classes menos favorecidas, uma tentativa de participação no processo político, através do enfrentamento pelo discurso aos desmandos do governo o de diminuir os impostos e de combater a classe dominante.

A participação de vários segmentos aos protestos dificultou a distinção da classe responsável pelos atos reivindicatórios por parte da coroa e dos parlamentares, uma vez que se empenharam na defesa dos direitos, assegurando o bem-estar comum.

Em 2013, no Brasil, ocorre outra manifestação, a do *Movimento Passe Livre* (MPL), com posições políticas e ideológicas que remetem à *Revolta do Vintém*. Nesse processo – do *Movimento Passe Livre* - há uma memória discursiva de luta, pelo direito ao transporte urbano tal como se reivindicou na *Revolta do Vintém*. Ponto de encontro de uma atualidade com uma memória. É possível compreender assim, que desde o período do Império tem-se, no Brasil, o embate acerca do transporte público. Ou seja, a mobilidade urbana é pauta de reivindicações da ordem da repetibilidade.

1.2 “Não são só 20 centavos”, o percurso de mobilização.

Dizer sobre movimento e manifestação logo se é associado aos movimentos sociais, tais como Central Única dos Trabalhadores (CUT), União Nacional dos Estudantes (UNE), União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) etc. Todavia, cada movimento e/ou manifestação de rua tem, historicamente, suas posições políticas e sociais que as

diferem e que as instituem quer seja pelos sindicatos ou por associações e, é, isto que os colocam na posição de responsáveis pela grande maioria dos protestos no Brasil.

Junho de 2013, movimentos de rua, no Brasil, tornam-se dizeres na imprensa. Segundo o *Jornal Estadão* (2015)⁵, as manifestações do *Movimento Passe Livre* de junho de 2013 tiveram como principais perfis a presença de jovens que se reuniam em espaços públicos e defendiam a manifestação como uma ação política, aglomerando inúmeras pessoas indignadas com a política atual e as ações governamentais. Os manifestantes posicionam-se interpelados por temas relevantes, além do movimento passe livre tais como: em defesa da educação, saúde, contra o aumento da passagem, contra a repressão policial, contra a corrupção, a melhoria da qualidade dos serviços públicos, outros que manifestavam contra os altos valores destinados à copa das confederações e, posteriormente, à copa do mundo. Estes em detrimentos as problemáticas presentes na segurança pública e outros.

Segundo Villela (2014)⁶, os protestos que ocorreram no Brasil contaram com o desdobramento das principais capitais e, aproximadamente, outras 120 cidades, eclodiam em forma de manifestação popular contra o aumento das tarifas do transporte coletivo. O *Movimento por Passe Livre* (MPL) toma corporeidade, ideologicamente, por ser um dos principais articuladores frente aos protestos em 2013.

Melito (2013)⁷ diz que o MPL surgiu oficialmente durante a plenária do Fórum Mundial em Porto Alegre, no ano de 2005, com proposta de um movimento social que lutaria a favor de um transporte gratuito. Tratava-se de um movimento que se apresentava como autônomo, horizontal e apartidário. Demarcando, assim, uma posição distinta de revolta popular contra o aumento da tarifa em Salvador. O referido movimento defendia a “tarifa zero” ao transporte. Por compreendê-lo como um serviço público essencial, um direito fundamental ao cidadão, que o assegura o acesso aos demais direitos como a saúde e a educação.

Observamos que surgiu em meio as reivindicações dos estudantes , um movimento – o Passe Livre - que promove um deslizamento de sentidos das formas tradicionais de ação coletiva. O movimento, imaginariamente, se coloca como forte e

⁵ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/politica-e-sociedade-as-manifestacoes-de-rua-de-2013-e-2015/>

⁶ Matéria intitulada “O Brasil foi às ruas em junho de 2013” publicada no dia 15/05/14 e atualizada em 19/06/18. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090>

⁷ Matéria intitulada “Conheça as origens do Movimento Passe Livre” publicada no dia 18/06/2013. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/06/conheca-as-origens-do-movimento-passe-livre>

despido da ausência de partidos, de liderança. Um movimento que não apresenta propostas bem definidas. Podemos dizer que se tratava de um movimento com múltiplos focos e composição, o que resultou em uma nova forma de mobilização na esfera pública, por não se limitar apenas as ruas, mas utilizar as redes sociais, passando também a compor esse espaço de mobilização. Assunto este que será melhor abordado no segundo capítulo.

O fato do *Movimento por Passe Livre* ser apartidário produz no social sentidos outros. Ou seja, conforme as bibliográficas consultadas, distintos programas partidários disputavam lugar na mídia com vistas a incorporar a voz das ruas, ou ainda, se apoderar do discurso destas. "Estamos manifestando a favor do povo, a favor da vergonha na cara, a favor da honestidade! Bandeiras, cartazes de partidos políticos "NÃO" serão aceitos" (CAVALCANTI, 2013, p. 68). A posição dos participantes, os gritos do/no movimento de rua reverberam sentidos, modos de significação e de individuação do sujeito no espaço político distintivo das siglas de partidos ao se formular "[...] partidos políticos "NÃO" serão aceitos".

Nesse sentido, outras convocatórias também orientavam aos manifestantes que evitassem "politizar" o ato, referindo-se à política ligada estritamente a partidos. Cavalcanti (op.cit) menciona diversos exemplos que tocam a distinção entre os políticos e o "povo" (manifestantes):

Existe a pretensão de identificar uma unidade na voz do povo: os protestos são um momento de unificar aquilo que se tem de comum. O conteúdo unitário resultante acaba sendo nada mais que o óbvio, a "verdadeira vontade objetiva" que não estava sendo considerada pelos representantes e pelas instituições (CAVALCANTI, 2013, p. 71).

Ressaltamos que a presença ativa da sociedade nos espaços públicos não é algo novo no Brasil a exemplo dos movimentos da *Revolta do Vintém*, das *Diretas Já*, dos movimentos sociais e urbanos nos anos 70, na luta contra a ditadura, na luta pela saúde, à creche, à moradia, ao transporte público, para mencionar apenas alguns. Sabemos que após a redemocratização vários movimentos contribuíram para avanços sociais e políticos no Brasil. Movimentos feministas, negros, indígenas, dentre outros, e de tais movimentos há os desdobramentos no país, como o de criação de leis para proteção do ambiente, a Lei Maria da Penha em defesa da mulher, o Estatuto da Igualdade Racial, entre outras políticas de inclusão e proteção que não cabem ser aprofundados neste trabalho.

Convém ainda dizer que a posição da sociedade na democratização e na criação de novas políticas não foi de maneira linear, isenta de conflitos.

Assim, remetendo as manifestações de 2013, a revista IstoÉ⁸ notícia que a primeira ação dos manifestantes deu-se contra o aumento no preço das passagens de ônibus – que de R\$ 3,00 passa para R\$ 3,20. Esse acontecimento político acerca do questionamento do valor das passagens de ônibus traz à tona a memória discursiva, no caso da *Revolta do Vintém*, pois um acontecimento se estabelece em regiões de sentido, de uma memória discursiva. Em outras palavras, o que se noticia sobre passagens em 2013, não é novo, são fatos discursivos que remetem a uma memória discursiva, política do país.

Neste ponto, convém fazer menção a palavras de Pêcheux (2015), que diz que é necessário compreender que toda descrição acarreta uma interpretação. A interpretação dos fatos, dos acontecimentos é atravessada por gestos de interpretação. O sujeito não está isento, ele mobiliza a memória discursiva, o interdiscurso. Devemos pontuar nas inter-relações políticas e sociais, o sujeito de direito e deveres, produto do capitalismo, regido pelo jurídico. Neste ponto, convém tecer alguns apontamentos sobre o sujeito em relação ao capitalismo para melhor entender o poder exercido pelo Estado.

Haroche (1992) propõe a forma sujeito contemporânea como uma forma capitalista caracterizada como um sujeito jurídico “livre e responsável”, de direitos e deveres, mas submisso ao Estado e às leis. Um processo de individuação, que torna o sujeito de direito uma estrutura social bem determinada e o que faz com que pense ser dono de seu dizer e de seu fazer, e, assumindo esse lugar, se assujeite ao Estado para que possa fazer uso dos seus direitos e deveres.

Assim, não há maneira de desatar o sujeito, a memória discursiva do sujeito, como produto do capitalismo. “O sujeito não é livre, ‘ele é falado’, isto é, dependente, dominado”, diz Haroche (1992, p. 158).

Nesse sentido para Irion (2013), o capitalismo é dominante e se constitui do aumento da desigualdade social, da exploração de classes e do conseqüente afloramentos dos movimentos sociais. Desse modo, o Estado, em um jogo de poder, apropria-se desse processo discursivo das relações em confronto, qual seja, a divisão de classes, a segregação social, para fundamentar o sistema dominante, o Capitalismo.

⁸ Matéria intitulada “Junho de 2013, o grito das ruas”, publicada em 25/11/16. Disponível em: <https://istoe.com.br/junho-de-2013-o-grito-das-ruas/>

Segundo Irion (2013), o jogo de poder no assujeitamento do indivíduo se mostra no movimento de interpelação pela ideologia, condição esta, necessária para que se torne sujeito do seu discurso ao submeter-se às condições impostas pelo Estado, embora tenha uma ilusão de autonomia. Neste sentido, o sujeito se inscreve em uma posição de direitos e deveres. Essa posição jurídica, do Estado que o interpela, e o coloca na posição-sujeito de dizer sobre direitos e deveres.

Ainda sobre o *Movimento por Passe Livre* convém esclarecer que no Brasil, o direito ao protesto é garantido, simbolicamente, na Constituição Federal de 1988:

Art. 5º - XVI - todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente;

A lei assenta-se, simbolicamente, em um espaço jurídico que estabelece processos de individualização do sujeito que está arrolado em direitos e deveres. (MOTTA 2009). Neste caso, em específico, verificamos que a lei autoriza (um direito) que todos, ou seja, todo e qualquer cidadão⁹ possa participar e organizar reuniões em ambientes abertos, tais como praças e ruas, desde que (dever) pacificamente com prévio aviso as autoridades competentes. Ressaltamos que o sentido da palavra “aviso” difere de “autorização”, em que o gesto de interpretação vem da ordem e da organização da cidade.

No parágrafo único do artigo 1º da Constituição, está escrito “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição” (BRASIL, 1988). Assim, podemos observar a soberania popular no momento que ocorria a constituinte (1988). Cabe um gesto de análise desde período (1964 -1988) tendo em vista as memórias discursivas latentes do regime militar que ocorreram no Brasil, que perdurou por aproximadamente 21 anos, que segundo distintas literaturas, foi um período marcado pelo silenciamento da população, com torturas e graves ameaças as pessoas que se levantassem contra o regime posto. Convém ressaltar ainda o movimento popular das Diretas Já que iniciaram em 1983 (ainda no contexto do Regime militar imposto), que culminou na assembléia da Constituinte em 1988. Deste modo, na constituinte foi expresso que o poder exala do povo, um modo de significação, discurso, registro da democracia, no país.

⁹ Pessoa natural ou naturalizado brasileira, que esteja em pleno gozo dos direitos políticos, conforme artigo 12º da Constituição Federal combinado com § 3º do Art. 1º da lei 4.717, lei de ação popular.

Pelo discurso da Constituição Federal, verifica-se, simbolicamente, a projeção imaginária, o direito do sujeito de manifestar-se. As formações imaginárias conforme Orlandi (2002), sempre resultam de processos discursivos anteriores, manifestam-se no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e de sentido. Na antecipação, o locutor projeta uma representação imaginária do interlocutor e, a partir dela, estabelece suas estratégias discursivas. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos do discurso. Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito). Tudo isso contribui para a constituição das condições em que o discurso se produz e, portanto para seu processo de significação. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem.

Na imagem (figura 01) veiculada na revista Veja, é possível observar o modo como as relações se significam no real do sujeito *cidadino*. Vejamos.

Figura 01: Confronto PM e manifestantes



Fonte: Revista Veja¹⁰

A imagem (fig.01) é atravessada por uma memória discursiva de acontecimentos outros, visto que, o sentido a constitui. A imagem segundo Pêcheux (2015) não é uma esfera plana vazia, tem seus desdobramentos e descolamentos. De modo que, na figura (01), em análise observamos o modo de funcionamento, a trajetória da memória discursiva de acontecimentos, de movimento de rua em 2013. De um lado, os

¹⁰ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/eram-os-vandalos-8230-vandalos/>>. Acesso em: 15/05/2019

manifestantes, de outro, a polícia. Entre estes a faixa de pedestre funciona, a nosso ver, como aquela que interdita sentidos, delimitando espaço da manifestação. A rua como espaço de confronto e de significação de distintas posições sujeito. De um lado, o povo que na rua, em pé e ou de joelhos no asfalto impõe seu discurso. Cartazes, modos de reivindicações. De outro lado, a polícia investida, revestida pela regularidade jurídica do Estado à dimensão da rua. “A cidade tem, na geografia urbana, a cartografia, que é produto da engenhosidade humana, porém, há no espaço, fissuras que impõem fronteiras de sentidos entre o dizer da lei e a ambiência” [...]. (MOTTA, 2012, p.42). Isto remete, ideologicamente, que o sujeito é sujeito a uma regularidade jurídica, ele não é livre, tendo a ilusão de ser.

Segundo Althusser (1985), o Estado funciona enquanto aparelho repressivo pelas forças antagônicas de suas instituições. O autor pontua ainda que as instituições funcionam como lugar “escudo” para garantir a atuação dos aparelhos ideológicos. Para o autor,

O Estado é uma “máquina” de repressão que permite às classes dominantes (no século XIX à classe burguesa e à “classe” dos grandes latifundiários) assegurar a sua dominação sobre a classe operária, para submetê-la ao processo de extorsão da mais-valia (que dizer exploração capitalista). (ALTHUSSER, 1985, p. 62).

Verifica-se, portanto, a posição do Estado, por meio de seu Aparelho Repressivo de Estado (ARE), a polícia, enquanto instituição a serviço do Estado atuar conforme diz Althusser através da repressão e por esta coibir atos que “lesem a soberania nacional e ou a integridade territorial”. Importante observar que a Lei de Segurança Nacional, nº 7.170, de 14 de dezembro de 1983, criada no período do Regime Militar, encontra-se em vigência, com fins de assegurar a soberania do Estado.

De modo que o Estado tem a sua posição que determina sentidos. Segundo o Site G1 Notícias, a ação da Polícia Militar (PM) durante as manifestações não foi pacífica. O site G1 publicou uma matéria intitulada *Polícia Militar utiliza violência para reprimir protesto em São Paulo*¹¹, desta forma, a posição entre manifestantes e rua têm nos demais setores da imprensa, reportagens que denunciavam ação da PM. A violência policial chamou a atenção de inúmeras pessoas que passaram a noticiar os protestos com maior frequência como pode ser observado em várias matérias divulgadas

¹¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/policia-militar-utiliza-violencia-para-reprimir-protesto-em-sao-paulo.html>

e compartilhadas neste período. A matéria *PM inicia confronto, ataca imprensa e faz de SP palco de guerra*¹², publicada no site Terra de 14 de junho de 2013, escrita por Vagner Magalhães e Marina Novaes, traz relatos de que a manifestação começou de maneira pacífica, mas bombas foram lançadas, deixando motoristas e passageiros sitiados na Consolação.

O *Movimento pelo Passe Livre* (MPL) constituído por grupos organizados, tornou-se o responsável por puxar as manifestações. Estas ganham simpatizantes que muitos aderiram ao movimento por solidariedade aos manifestantes após a ação da PM. Essa adesão ampliou a convocatória das marchas seguintes e o discurso contra a repressão policial foi amplificado, tornando os protestos mais diversos do ponto de vista ideológico.

O enunciado “não é por R\$ 0,20”, foi escrito em vários muros da capital paulista, remetendo ao fato de que o movimento, naquele momento, já tinha inúmeras outras pautas e entre elas, o repúdio à repressão policial.

As manifestações começam a ganhar maior destaque, estudantes e jovens de distintos segmentos ajudam a dar corpo à manifestação que ganha uma dimensão maior que a esperada. Novas palavras de ordem foram criadas, como o combate à corrupção, melhorias na saúde, na educação, redução da violência, liberdade de expressão, entre outras exigências. Podemos dizer que a intervenção do ARE, pela violência, “ajudou” a impulsionar o movimento, que naquele momento já utilizava uma ferramenta importantíssimas na convocatória dos manifestantes, as redes sociais.

As manifestações que se iniciam em 2013, por questões políticas e sociais, culminaram no acontecimento político e ideológico: Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff em 2016¹³. Este com um grande diferencial em relação às manifestações passadas. Isto decorre em compreender que o discurso tem o seu efeito de sentido e funciona conforme Orlandi (1999) em relação a. Assim, nesse movimento de linguagem, o sujeito é interpelado e assujeitado pela língua e pelo Estado.

1.3 A rua como espaço de manifestação

Neste item, buscamos compreender a posição sujeito de direitos e deveres a partir do discurso das manifestações sociais de rua, durante os movimentos que

¹² Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/policia/pm-inicia-confronto-ataca-imprensa-e-faz-de-sp-palco-de-guerra,4d91fd3c4114f310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>

¹³ Assunto o qual não nos deteremos neste trabalho.

ocorreram no Brasil no período que abrange os anos de 2013 a 2016, que resultou no Impeachment da Presidenta da República.

Nesta pesquisa, nos propomos a pensar o funcionamento discursivo dos manifestantes às ruas nas diversas cidades brasileiras, pelo discurso do que se expõe à rua. Nessa direção, discutimos de forma sucinta a cidade enquanto sentido, espaço em que se movimentam os discursos de corporeidade das manifestações sociais. A rua, como espaço de significação, posição sujeito de se manifestar e se fazer ouvir pelo/no movimento de ir às ruas para protestar.

Para dizer do espaço da rua, é necessário compreender, primeiramente, a organização da cidade, pois é ela quem possibilita a existência da rua. A cidade, conforme Orlandi (2004), é compreendida como um local de múltiplos efeitos de sentido, é lugar em que o sujeito se significa de vários modos, uma vez que a cidade significa e é significada por/para sujeitos.

Todas as determinações que definem um espaço e/ou um sujeito cruzam-se no espaço da cidade. É no espaço *citadino* que os manifestos tomam robustez, que a língua em seu funcionamento joga com o interlocutor, captura-o pelo jogo discursivo.

Para Orlandi (2004), o funcionamento da relação entre sujeito e cidade está “atado” um ao funcionamento do outro. Verificamos, portanto, a necessidade de pensar a cidade discursivamente, na relação entre sujeito, história e língua, o modo como funciona o sujeito e os sentidos no espaço da cidade.

Quando se pensa a cidade numa perspectiva discursiva, são pensados os sentidos que ela e os sujeitos produzem, contudo, ao pensá-la enquanto espaço, é preciso analisar a mobilidade de sentidos, na aglomeração e concentração de pessoas.

Rolnik (1995), ao definir a cidade, de um ponto de vista sociológico, compara-a como um imã. Segundo a autora, antes mesmo de virar local permanente de trabalho e moradia, a cidade é, na largada, algo que atrai, aglomera, concentra.

Dessa forma, a rua, pode ser pensada como parte constitutiva da divisão da cidade. Como dissemos, de forma breve, vários movimentos sociais brasileiros tomaram a rua como palco de manifestação, de produção de sentido. Assim, a rua foi se construindo, a cada conquista marcada pela participação em manifestações e protestos que assim difundiam o anseio por um país melhor. As manifestações às ruas têm seu sentido ressignificados, atribuindo à rua os sentidos de “espaço de luta” como outrora falado, a rua passa a ser um grande palco de defesa dos direitos da população.

O conceito de rua pode ser definido de várias maneiras a depender da posição do sujeito, inicialmente era como vias para passagem de indivíduos, cidadãos. Sobre outra perspectiva a rua é lugar de socialização, passeio, na qual se relacionam uma diversidade social. Dessa diversidade cultural e social que é marcada por comportamentos de exibição, surgem alguns conflitos, inserindo, então, no conceito de rua a expressão de vandalismo. Nunes (2001), em seus estudos, mostra o percurso histórico da palavra rua ao analisar verbetes de dicionários de Língua Portuguesa dos séculos XVIII ao XX:

[...] A rua era antes lugar de passagem do cidadão, lugar ordenado, esquadrinhado conforme os “ofícios”. Depois, passa a ser lugar de passeio, no qual convive uma diversidade social complexa, marcada por comportamentos de exibição, de flerte e de vadiagem, irrompendo aqui e ali alguns conflitos. Por volta do final do século XIX, a rua começa a ser nomeada como espaço público, em oposição ao espaço privado (a casa, o trabalho) [...]. (NUNES, 2001, p. 102).

Verificamos que, no final do século XIX, rua passa a ter caráter público, contrapondo-se ao espaço privado. O autor ainda menciona que nesse período ocorreu um “desgaste da ordem pública”, a rua neste cenário foi tida como algo moralmente inferior, uma classe inferior, sendo-lhe imputados “todos os sentidos figurados e pejorativos que daí advêm” (p. 102). Para Nunes (ibidem), a cidade é uma obra coletiva, sendo então necessária uma gestão participativa, dando voz a todo o aglomerado de indivíduos, a toda a coletividade. É importante salientar que a construção material da cidade deve estar atrelada à construção política, conectados/ligados pela linguagem.

Existe assim um processo polissêmico da linguagem em que os sentidos referentes à palavra rua possibilitam uma multiplicidade de sentidos no funcionamento da linguagem. Para Pêcheux (1995, p. 160) “o sentido, a expressão, a proposição de uma palavra não existe por si só, em si mesma, mas este sentido é determinado pelas posições ideológicas envolvidas no processo sócio histórico no qual as palavras são produzidas e/ou reproduzidas”, de modo que o sentido de uma palavra relativiza-se com base nas condições de produção ao qual está inserida.

Nunes (2001) analisa o termo rua e seus derivados nos primeiros dicionários (entre 1712 a 1881), verifica que o sentido da palavra rua no dicionário de Rafael Bluteau (1712) está associado a lugar de passagem, relacionada a ordem. Em Moraes (1789), a rua é vista como lugar de passeio, representando o comportamento dos sujeitos. Em Caldas Aulete (1881), a rua começa a ser vista como espaço público,

habitado por diferentes grupos sociais, espaço atravessado por conflitos e desordem. Em Laudelino Freire (1954), “o processo de subjetivação do espaço público, iniciada em Aulete, continua” (ibidem, p. 107). No dicionário Aurélio B. de H. Ferreira (1975), a rua é concebida como espaço de circulação, com a presença do discurso urbanista.

A partir do final século XIX, a pesquisa mostra alguns elementos léxicos como “arruaceiro”, “arruça”, o que caracteriza, segundo Nunes (2001, p. 107), como “lugar de ‘motim’, de ‘baderna”, ou seja, termos pejorativos ligados à libertinagem. Atualmente, surgem sentidos outros, podendo ser associado a um espaço de significação do sujeito através dos protestos e manifestações. Nesse processo de significação a rua toma sentidos de funcionamento distintos, ora a rua é tida como um lugar de regularidade, de ordem, ora passa a ser lugar de provocações, palco de conflitos. Estes sentidos imputam sobre a rua o aspecto de palco de manifestações sociais. Todavia, em outras formações discursivas os protestos ainda podem ser vistos como vadiagem e baderna.

No final do século XIX, no Dicionário Caldas Aulete, a palavra é tida como lugar de significação de vadiagem, ações que perturbam o cotidiano, são utilizadas para definir o sentido, a rua então é vista como um espaço onde ocorrem desordens sociais. Nele aparecem expressões como “moço de rua”, que possui o sentido de um “vadio, gaiato”, “Mulher de rua” outra expressão a qual é atribuído o sentido de uma “mulher prostituta”. Destes sentidos, observamos que “a rua é significada como um lugar de vadiagem, malandragem, de desordem” (NUNES, 2001), ou seja, a rua tem, nessa direção, sentido de algo pejorativo, de que só saiam coisas ruins, negativas, marginalizadas.

Na pesquisa sobre os verbetes rua, Nunes (ibidem) ainda observa que as manifestações de ruas foram silenciadas, todavia, com o processo de popularização é possível observar que as ruas foram ganhando outros sentidos e possuindo novas textualizações. Atualmente é possível verificar a preocupação relacionada aos planejamentos das cidades com espaços destinados a exercícios, faixas especiais para veículos, pedestres, ciclovias, enfim, existe um incentivo para exercícios, para que o sujeito ocupe as ruas, inserindo à rua um caráter coletivo.

Desse modo, a rua adquire vários sentidos e significados, ela não está reduzida a um sentido unívoco, os movimentos sociais utilizam o espaço público, aqui figurado como a rua, para protestar, buscando assim uma maneira do seu descontentamento ser visto e ouvido pela sociedade. Tais ações fazem com que o sujeito signifique perante a cidade, como cidadão que possui direitos e também deveres. A rua passa a ser pensada

como um espaço de significação do sujeito, em que pode manifestar seus descontentamentos e diferenças, um gesto que significa, para o cidadão, uma inscrição na posição de sujeito político.

Olhando para a historicidade dos movimentos sociais, aqui, no Brasil, é possível analisar que alguns movimentos que ocorreram nas ruas, conseguiram mobilizar grande parte da população para saírem às ruas protestando por direitos e buscando melhorias. A campanha *Direta Já* em 1983; o Impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello, movimento que ocorreu em 1992, são alguns exemplos de mobilização por parte do povo brasileiro, acontecimentos que marcam a história do país.

Em 1992, uma grande manifestação assolou as ruas brasileiras, o movimento buscava a renúncia do, então, Presidente da República Fernando Collor de Mello. Os cidadãos lutavam contra a corrupção. Ressaltamos que a gestão Collor foi marcada por frequentes denúncias de corrupção. Em 2013, como vimos anteriormente, as pessoas utilizam-se do espaço da rua para manifestar suas indignações frente a política posta, e novamente é levantada a discussão quanto a corrupção. Do *Movimento pelo Passe Livre* (2013), várias outras manifestações foram surgindo (que serão trabalhadas no decorrer deste trabalho), tais como: as manifestações que ocorreram durante a copa das confederações (2013), copa do mundo (2014), *Vem Pra Rua* (2014/2015), nas olimpíadas (2016) e por fim o Impeachment da Presidenta da República (2016). O ponto em comum entre essas manifestações, bem como as outras manifestações abordadas, tais como a *Revolta do Vintém*, a campanha das *Diretas Já* e outras, é a ocupação do espaço público, aqui, figurado como a rua. De modo que a rua, espaço de linguagem, é o espaço de leitura e de interpretação. O lugar do político.

No próximo capítulo, analisaremos algumas chamadas de mobilização dos movimentos contrários a realização da Copa das Confederações e Copa do Mundo de modo a compreender como foram constituídos, formulados e circulados os discursos do/no movimento de rua e também a importância das redes sociais para a organização e divulgação das ações e protestos. Discutiremos os efeitos de sentidos produzidos e reproduzidos pelo discurso digital em face das manifestações na rua.

CAPÍTULO II

O DISCURSO NAS REDES E O MOVIMENTO NAS RUAS

No capítulo anterior, trabalhamos os *discursos sobre* o movimento de rua denominado *Revolta do Vintém* (1879 e 1880), ocorrido na época do Império e as manifestações do *Movimento Passe Livre*, em junho de 2013, no Brasil. Entendemos, do ponto de vista teórico da Análise de Discurso, que se trata de acontecimentos de linguagem, em épocas distintas, cada qual com a sua memória discursiva. Neste capítulo, trabalharemos o percurso sócio histórico referente ao movimento de rua, pontuando acontecimentos que antecedem a Copa do Mundo (junho e julho de 2014).

Inicialmente, importante esclarecer que no período que compreende os anos de 2013 e 2014 verificamos distintas pautas de reivindicações nas manifestações, ou seja, uma articulação de vários movimentos sociais¹⁴, tendo o *Movimento Passe Livre*, ganhado grande destaque. Como abordado no capítulo anterior, o objetivo do movimento era a não existência de bandeiras e pautas específicas, delimitadas.

Verificamos que nessa fase inicial das manifestações de rua vários enunciados eram estampados em cartazes, inclusive o “Vem Pra Rua”, enunciado que será analisado no decorrer deste capítulo. Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que este enunciado “Vem Pra Rua”, nos primeiros anos dos movimentos de rua, era compreendido como um chamamento para a participação da população nos manifestos, e no decorrer das manifestações já no ano de 2015 o enunciado foi ganhando novos sentidos e significados, passando a representar e identificar as manifestações, tornando-se o próprio manifesto, fato este que será melhor trabalhado no terceiro capítulo.

Neste capítulo, buscamos compreender, pelo discurso das manifestações de rua e redes sociais, língua, sujeito e espaço, mobilizando conceitos teóricos da Análise de Discurso que servirão de dispositivos teórico e analíticos para o desenvolvimento da pesquisa.

¹⁴ importante distinguir movimento de manifestação, vejamos o entendimento de Warren (2014) que faz essa distinção: “Os movimentos sociais organizados tem uma relativa permanência temporal e no mundo contemporâneo tendem a se estruturar sob a forma de redes de militância que operam como uma estratégia para a construção de significados políticos ou culturais em comum, tendo em vista conquistar e mobilizar cidadãos e produzir transformações sociais. Já as manifestações de rua, em sentido estrito, são frequentemente reações conjuntas coletivas e públicas, que pretendem através do protesto criar visibilidade política, o reconhecimento das vozes dos cidadãos, se atravessarem de seus movimentos ou do público em geral mobilizado para o evento político em si mesmo” (pagina 15).

Mariani (1998, p. 64), ao analisar o discurso dos jornalistas sobre os comunistas, observa que o discurso jornalístico funciona como uma modalidade de *discurso sobre*, pois coloca o mundo como objeto, uma vez que ele se coloca no lugar de quem fala sobre o mundo, colocando-se na institucionalização social dos sentidos. Assim, para a autora, “o discurso jornalístico contribui na constituição do imaginário social e na cristalização da memória do passado bem como na construção da memória do futuro” (ibidem). Para Orlandi (2008, p. 44), “o *discurso sobre* são uma das formas cruciais de institucionalização dos sentidos”.

Em nosso trabalho, tomaremos os *discursos sobre e dos* movimentos de rua, materializados sob forma de panfleto e cartazes, como veículos de manifestação da insatisfação social, funcionam como lugar de memória e espaços de produção de gestos de interpretação. Ou seja, esta é uma prática jamais isolada, mas implica a exterioridade, a história como constitutiva dessas relações de sentido. Desta forma, a partir desta pesquisa, buscamos compreender o funcionamento do discurso, a memória discursiva, bem como a interpelação ideológica e seus sentidos produzidos.

Quando mencionamos *discurso sobre/de* os movimento de rua, analisando as duas discursividades, apresentamos uma distinção entre eles, compreendendo que o *discurso de* refere-se ao discurso de origem, discurso do próprio movimento, que foi produzido nos manifestos, enquanto o *discurso sobre*, por sua vez, diz respeito ao discurso vinculado por terceiros (um discurso de fora), que oferece uma gama de formulações, aqui representado pela mídia, significado a partir de análises dos discursos dos movimentos de rua.

No período que antecede a Copa das Confederações, sucedeu uma série de protestos em todo Brasil com distintas pautas, uma delas contra o aumento das tarifas de ônibus em algumas capitais brasileiras no ano de 2013. Segundo Macedo (2014), ocorreu em Portugal, França, Alemanha, Irlanda e Canadá, no mês de junho, protestos inclusive em solidariedade às manifestações brasileiras.

Macedo (ibidem) pontua que entre 17 a 21 de junho ocorre o ápice das manifestações populares, momento este que foi marcado por diversos atos e protestos, que mobilizaram, segundo a autora, uma grande parcela do povo brasileiro. No dia 20 de junho as manifestações ganharam novo caráter, os manifestantes passam a reivindicar outras pautas além das questões sobre o transporte público. O *discurso sobre* a Copa das Confederações FIFA 2013 e a Copa do Mundo FIFA 2014 tomam corporeidade nos discursos de rua. Fato este que pode ser compreendido com a

continuação dos protestos pelas cidades brasileiras, mesmo após a redução das tarifas dos transportes.

Dos protestos de 2013, no Brasil, seguindo também a tendência das manifestações populares ocorridas em outros países, têm-se não somente a rua como espaço de interlocução. A utilização da internet emerge como uma ferramenta importante de linguagem na organização e divulgação das ações, bem como para convocação social dos atos. Verificamos que as manifestações tomaram grandes proporções nas redes sociais como o Facebook e Twitter.

2.1 A importância da tecnologia e das redes sociais para os *discursos sobre/dos* movimentos sociais

Seguindo a disposição das manifestações populares que ocorreram por todo o mundo, a exemplo do *Occupy Wal Street* em 2011 nos Estados Unidos, e da Primavera Árabe entre 2010 e 2011 no mundo árabe e no Norte da África, as manifestações brasileiras, que iniciaram em 2013, também usaram a internet como uma importante ferramenta na organização e divulgação das ações. Em setembro de 2014 em Hong Kong ocorreu também o *Occupy Central* marcado por mobilizações que visavam a conquista de fontes de energias limpas. As mobilizações foram convocadas pela comunidade Avaaz¹⁵, rede de tecnologias, com destaques para as redes sociais.

A mídia e as redes sociais, na atualidade, tornaram-se ferramentas prioritárias das manifestações. Por essa via discursiva, são suscitados debates, como também são disseminadas informações, o que torna possível combinar manifestos com maiores proporções. Deste modo a *Primavera Árabe* mostrou para o mundo que nessa “era moderna” as materializações dos discursos ganham forças e difusão no espaço cibernético¹⁶ globalizado, pelos avanços tecnológicos.

Segundo Almeida (2013), as revoltas populares que ocorreram no Oriente Médio em 2011, denominada *Primavera Árabe*¹⁷ teve a mídia digital como principal meio de divulgação das ações durante as manifestações, expressando um novo momento da

¹⁵ Avaaz é uma rede para mobilização social global através da Internet.

¹⁶ Espaço cibernético é um espaço virtual para a comunicação que surge da interconexão das redes de dispositivos digitais interligados por todo o mundo, incluindo documentos, refere-se a um universo de informações que este espaço abriga.

¹⁷ A Primavera Árabe foi uma série de manifestações que ocorreram na Tunísia (Revolução de Jasmin), na Líbia (Guerra civil Líbia ou Revolução Líbia), no Egito (Dias de Fúria, Revolução de Lótus e a Revolução do Nilo). Ocorreram também protestos e manifestações na Argélia, Síria, Bahrein, Marrocos, Lêmen, Jordânia e Omã.

sociedade globalizada. Nessas condições o Twitter e o Facebook, foram utilizados pelos manifestantes do Egito e da Líbia, para a marcação de encontros, disseminação de informações referentes aos protestos, e o compartilhamento de fotos e vídeos. Em uma tentativa de controlar e exterminar as manifestações, os governantes do Egito e a Líbia, segundo Vinicius Aguiari¹⁸, após compreender o uso das redes pelos manifestantes, cortaram o acesso à internet.

É importante tecer análises discursivas sobre a produção do discurso do ciberativismo, entendido como fenômeno social. Segundo Silveira (2010), o ciberativismo é um conjunto de práticas presentes nas redes cibernéticas, em defesa de causas específicas, podendo ser políticas, ambientais, dentre outras. Neste sentido, Ugarte (2008) menciona que a efetividade das ações ciberativistas depende diretamente do engajamento político e ideológico de distintas posições sujeitos.

No Brasil, o *Movimento Passe Livre* (MPL), também sofreu as interpelações dos efeitos da tecnologia, estando sensível às mudanças provocada pela mundialização nas relações políticas e sociais da internet. Esta, inserida aqui, como ferramenta de linguagem que produz seus efeitos midiáticos. Deste modo, o movimento que ocorre inicialmente no Brasil é compartilhado e divulgado para o Mundo, atraindo assim a atenção da imprensa que noticiava as ações.

Em 15 de março de 2015, Andréia Freitas publicou uma matéria junto ao Jornal O Globo¹⁹ Brasil, informando como estava sendo noticiado pelo mundo as manifestações no Brasil. Segundo a jornalista, as manifestações ganharam destaques nos sites de alguns dos principais jornais estrangeiros, tais como o jornal *The New York Times*, *El País*, e nos blogs *huffingtonpost.es* (espanhol), *huffingtonpost.com* (inglês), dentre outros veículos de comunicação internacional.

Para o Portal EBC²⁰ “O Movimento Passe Livre massificou as suas ações, encorajando as pessoas a luta social, através de inúmeras pautas que textualizava o abuso de poder da PM, corrupção, melhorias nos hospitais, maior investimento na educação e claro o passe livre”.

A propagação dos discursos pelas redes avança e isso produz uma dispersão de sentidos que intervém no real do sujeito, nas relações do cotidiano. De modo que, os

¹⁸ Matéria publicada junto a revista eletrônica Abril, em 11 de fevereiro de 2011.

¹⁹ Título da Matéria “Manifestações são destaque nos principais jornais do mundo” disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/manifestacoes/manifestacoes-sao-destaque-nos-principais-jornais-do-mundo-15604195>.

²⁰ Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/06/protestos-completam-um-ano-e-violencia-policia-se-repete>

movimentos sociais a tomam como ferramenta de linguagem para divulgar as manifestações, dos protestos, inclusive com transmissões online. Desse compartilhamento, distintas posições sujeito são interpelados com determinadas lutas e pautas, passando a participar virtualmente ou indo às manifestações de rua.

Os movimentos sociais fazem surgir novos questionamentos sobre a importância das tecnologias, e do uso das redes sociais como espaço de linguagem, ferramenta de organização e planejamento de ações.

Para Carvalho e Cukierman (2009), “A rede mundial de internet surgiu na guerra fria, como uma estratégia militar, que visava estabelecer comunicação entre os norte-americanos como um recurso extra no caso de ocorrer ataques inimigos aos meios convencionais de telecomunicações”. Posteriormente, entre os anos de 1970 e 1980, a internet além da sua função militar, passou a ser utilizada como meio de comunicação acadêmica, sendo utilizada por estudantes e professores das universidades dos Estados Unidos da América. Em 1990, ocorreu a expansão da internet, surge deste modo os *browsers internet Explorer da Microsoft*, por exemplo.

A Internet foi um projeto ousado, e ao mesmo tempo uma mídia emergente e uma linguagem em constituição, pensado pelos norte-americanos como uma estratégia no tempo da guerra fria. Importante recordar que ela surge a partir de experimentações nos anos 60, acaba se ampliando às universidades norte-americanas, depois nas sociedades europeias e chega ao Brasil no anos 80. (NUNES, ARITA E CARVALHO, 1999).

Para Pantoja e Ferreira (2000), a internet passou a ser utilizada pela grande massa da sociedade, dentro dos vários e distintos segmentos sociais, “como fonte de buscas e pesquisas, para diversão e descontração”, sendo que muitos já a utilizam como recurso para contratação de mão de obra, vendas, a “internet também tornou-se um espaço que promove empresas, fato este que está diretamente relacionado com os lucros e sistema financeiros” (PANTOJA, FERREIRA, 2000).

O ano de 2006 pode ser pensado como um marco, sendo o período em que surge uma “nova era”, pensada assim devido ao avanço das redes sociais, começando com o Orkut, e, posteriormente, cedendo espaço para Facebook, Instagram e Twitter.

Com a propagação da tecnologia e redes sociais, ocorre uma aproximação/contato virtual com pessoas que estão longe, bem como a propagação de informações de modo mais simples e rápido, podendo até ocorrer de maneira simultânea.

As mídias digitais fazem com que tudo vire alvo de registro e/ou compartilhamento. Assim, muitas ações rotineiras se tornam permanentes nas gravações, tornando um arquivo. Uma memória de arquivo que se torna acessível. Esse espaço virtual, as redes sociais, passam a produzir novos sentidos e, é isto o que nos move a trazê-la, a partir de sua utilização para a divulgação das ações dos movimentos sociais. Um processo de chamamento, de identificação com cidadãos que compartilham, ideologicamente, dos mesmos ideais e assim formando uma grande rede, ideológica, discursiva; uma grande resistência urbana. Assim, as redes sociais se constituem como lugar de denúncia, lugar de protestos, de discursos, de diferentes linguagens.

Segundo Leonardo Sakamoto, do ponto de vista das Ciências Políticas - as

[...] tecnologias de informação e comunicação, sobretudo as redes sociais da Internet, não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua por meio de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social. (SAKAMOTO, 2013, p. 95-100.)

Se analisarmos as grandes manifestações do século XXI, seremos certamente direcionados as redes sociais, pois elas funcionam como lugar de divulgação das ações que ocorrem e/ou estão por vir. Um trabalho contínuo nas redes e nas ruas.

O espaço virtual transforma-se em um *lócus* discursivo em que distintos tipos de sujeitos mediam a sua relação com o outro pela tecnologia. Nessa direção, o espaço cibernético torna-se um ponto fundante, utilizado para mobilizar e organizar os movimentos de rua. A ideia de liberdade predomina nesse meio, visto que os sujeitos são instigados a participar e dar suas opiniões. Participação popular, as pessoas ganhando vozes nesse processo. Cidadãos que, por vezes, não se sentem representados pela mídia tradicional e ou de ir à rua.

Assim, a internet funciona como espaço digital, e esse espaço digital não significa apenas local para relações interpessoais, mas um espaço de múltiplos efeitos de sentido. Algo novo onde os sentidos são produzidos e reproduzidos. Conforme Dias (2011), somos todos sujeitos afetados pelo tecnológico, não apenas pensando nos objetos a que temos acesso, mas também “no processo histórico e ideológico da sociedade contemporânea” (DIAS, 2011a, p. 271). Dessa forma, o digital já é constitutivo do nosso dia-dia. Ele permeia nossas relações com a exterioridade e produz distintos efeitos de sentidos na vida do sujeito.

Nesse processo, a cidade se transforma em “cidade conectada” ou “cidade virtual”, onde comporta diferentes espaços em que os sujeitos se *identificam* ou *desidentificam* (PECHEUX, 1995) em diferentes formações discursivas, através de práticas de linguagens e de interlocução do sujeito com o mundo. Sobre o processo de identificação do sujeito na formação discursiva, partimos da ideia de que o sujeito é considerado elemento constitutivo da linguagem: “O sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso” (ORLANDI, 1999, p. 17).

Interessante notarmos também que as redes sociais não desempenham esse papel de resistência sozinha, pela sua tecnologia. Ela funciona, pelo discurso, movimento de sentido, como um modo de interpelação do sujeito, de interesse comuns. Assim, nessas configurações, a rede pode ser pensada como um espaço virtual discursivo, em que o sujeito, seus usuários, através da interlocução adquirem novas experiências e se significam. A rede torna-se, assim, um espaço de proliferação e propagação de distintos discursos, posicionamentos políticos e ideológicos.

No espaço das redes sociais, o sujeito se veste, se inscreve em distintas posições sobre os mais distintos assuntos: política, religião, cultura, ambiente, futebol, dentre tantos outros. O anonimato das redes é um fator atrativo para a propagação de distintas opiniões. De certo modo, sentem a ilusão de um espaço de liberdade, de expor suas concepções políticas e ideológicas, pelo discurso. Nesse sentido, “As redes sociais atuam na divulgação de múltiplas opiniões, criando esse ideal de liberdade virtual” (SANTOS, 2014). Tal fato permite que o sujeito participe dos mais acalorados debates presentes na sociedade, inscrevendo-se em diferentes formações discursivas.

A formação discursiva é definida por Pêcheux como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determinada o que pode e deve ser dito [...]” (1995, p. 160). Desse modo, é na formação discursiva que ocorre, materialmente a constituição do sentido. De modo que o sentido é construído em uma luta de posições ideológicas. Daí ser importante observar o lugar daquele que diz e como se diz. E é pelo discurso que se tem acesso a ideologia. A ideologia é que produz a evidência do sentido e faz com que o sujeito haja como se o sentido estivesse à literalidade.

Nessa direção, o discurso, o jingle - *Vem Pra Rua* -, veiculado na internet reproduzido pelos manifestantes, toma corporeidade nas redes sociais e eclode nas ruas. De modo que a formulação *Vem Pra Rua* produz efeitos de sentido que não perpassa tão

somente do que se vê, escuta ou lê, não obstante, deriva de outros dizeres, deslocados e ressignificados no fio interdiscursivo. Ou seja, os discursos decorrem de outros discursos que ocorrem em outras condições de produção, movimentos históricos, que produziram (e produz) vários sentidos. O sentido não está no literal, mas no movimento da palavra, linguagem, nas diferentes formações discursivas. É móvel, está no já foi dito e que constantemente se (re)significa no e pelo discurso.

Para Indursky (2003), as formações discursivas referem-se ao lugar em que o sujeito, a partir da posição ocupada na formação social, se manifesta, sendo que ao produzir discursos, ele inscreve seu dizer na ordem da repetibilidade. De acordo com a autora, é esse efeito de memória discursiva que permite que os sentidos se transformem e se ressignifiquem, deslizando de um domínio discursivo para outro.

As circulações de informações através das redes sociais pelo discurso funcionam como verdadeiros propulsores para a intensificação do mundo globalizado, de modo que é impossível analisar um fato isolado sem entender as condições de produção envolvidas.

A relação entre a manifestação nas ruas e sua propagação nas redes, a nosso ver, compreende uma estratégia de linguagem muito acertada, pois as pessoas se engajavam nas ações, tomando assim uma posição sujeito manifestante em busca de um pressuposto o de melhorias coletivas culminando em situações x ou y. Remetemos ao enunciado da União da Juventude Socialista (UJS), que atuava em meio aos movimentos sociais, com o enunciado: “Nas redes e nas ruas lutando por um Brasil dos nossos sonhos!”.

No enunciado “Nas Redes e nas Ruas”, observamos de início que se refere a duas posições distintas, sendo a primeira a posição do sujeito que toma as ruas para manifestar e a segunda concerne na posição sujeito que se utiliza das redes para o mesmo fim, ou seja, o lugar/espaco funciona como *locus* do discurso, mas o que é o discurso?

Para Orlandi (2015, p. 20) “o discurso é efeito de sentido entre os locutores”. Esse efeito se estabelece na formação discursiva e formação ideológica entre os sujeitos para construir a noção de enunciação.

Ao pensar no processo enunciativo, Orlandi diz que:

Pensando o processo de enunciação como atualização temporal e espacial do sujeito no seu discurso, a AD vincula a linguagem ao seu contexto. Para ela, se a língua não é um sistema abstrato, também não é um produto da individualidade. (ORLANDI,1986, p.115)

Portanto, podemos concluir, com as palavras de Orlandi (1994, p. 115), que “discurso é enunciado, formulado em certas condições de produção determinando um certo processo de significação”, e como diz Pêcheux (apud Orlandi, *ibidem*, p.115) “o discurso não é apenas transmissão de informação, mas efeito de sentidos entre os locutores”.

Para Orlandi (2005), as palavras mudam de sentido ou adquirem um sentido dependendo da posição de quem as profere, as palavras não portam um sentido em si mesmo, mas o sentido é determinado pelas posições ideológicas envolvidas no processo sócio histórico do discurso. Assim,

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. [...], não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 160)

Logo, os sentidos se constroem na história, e portanto a Análise de Discurso busca compreender não apenas o textual, mas o funcionamento da língua, afastando assim o entendimento do discurso como uma categoria pré-estabelecida “Procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. (ORLANDI, 2012, p. 15). Aquilo que é dito é determinado por condições sociais, históricas, e pela realidade ideológica, pelo lugar que se ocupa na estrutura social.

O discurso em si é a construção linguística junto a questões sociais em que o texto se desenvolve, sendo que a ideologia constitutiva do discurso são construídas pelo percurso político e histórico em que o sujeito se significa.

Para Althusser (*apud* ORLANDI, 2012, p. 75), a “ideologia é o modo através do qual os homens vivem suas relações em relação às suas condições de existência”. Deste modo, o sujeito no uso da linguagem atribui sentido na relação da língua com sua exterioridade a partir da sua posição ideológica.

Segundo Frago (2014, p. 73), a língua é compreendida como “ordem significante, capaz de equívoco, de falhas, deslizos possuindo relação com a ideologia à medida que materializa e regula os sentidos dentro de uma determinação histórica”.

Ferreira (apud FRAGOSO, *ibidem*) explicita que a língua do analista de discurso “é da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência”. Para Pêcheux (1975, p. 243), a língua é lugar material onde se realizam os efeitos de sentido.

A Análise de Discurso compreende o discurso como uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, tornando possível a permanência e a continuidade, bem como o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive.

A Análise de Discurso pode ser compreendida como “[...] a análise científica dos processos característicos de uma formação discursiva, que deve dar conta da articulação entre o processo de produção de um discurso e as condições em que ele é produzido.” (ORLANDI, 1987, p. 109). Assim, as palavras têm pelas condições de produção, modos de funcionamento de significação. De modo que, por exemplo, a cidade, o nome, pode ser considerado pela história das palavras da historicidade e dos discursos que elas produzem. A cidade ganha sentido através das práticas significativas que se desenvolvem nela e que a toma como objeto de análise. (ORLANDI, 2004, p. 31).

Observamos que a cidade tem a sua significação, sentido, pelo discurso. Neste trabalho a cidade tem a sua significação, em que olhamos pelo espaço citadino não o todo que a constitui, que lhe dá corpo. Verticalizamos dentro da cidade, para o espaço da rua, para o discurso, em que se constitui o movimento social.

Nessa direção, um dos grandes desafios dos movimentos sociais consiste, na atualidade, não somente estar à rua em discurso, mas produzir o gesto de linguagem também pelas redes sociais. Para Chequer e Butterfield (2016) “O protesto digital é muito importante, principalmente na questão de mobilização, mas, o protesto físico é o verdadeiro propagador de mudanças”. Para o autor não seria vantajoso ter nas redes 20 milhões de seguidores, se nas manifestações de rua esse povo não se fizer presente, pois, o grande poder das massas são as manifestações nas ruas, por entender, ideologicamente, que é de lá que surgirão as mudanças. Observamos deste modo um espaço de significação, de linguagem, de produção de sentidos.

Figura 2: Manifestante com cartaz



Fonte: Sônia Aranha²¹

Como se pode ver, a Análise de Discurso trabalha com o material significante, pois entende que são as práticas discursivas em diferentes materialidades, sejam elas produzidas sobre bases verbais ou não-verbais, que evocam sentidos diferentes. Com o método próprio da Análise de Discurso é possível compreender o funcionamento do discurso que constitui o texto, ou seja, a questão da análise de discurso é compreender como este (o texto) produz sentidos, propondo uma nova maneira de leitura e interpretação. Isso nos leva a uma reflexão sobre a linguagem e o modo como os sentidos são constituídos, postos em circulação. Sobre a noção de texto para a Análise de Discurso e o trabalho do analista, Orlandi (1995) pontua que:

[...] não é sobre o texto que falará o analista, mas sobre o discurso. Uma vez atingido o processo discursivo, que é o que faz o texto significar, o texto, ou os textos particulares analisados desaparecem como referências específicas para dar lugar à compreensão de todo um processo discursivo do qual eles — e outros que nem mesmo conhecemos — são parte. (ORLANDI, 1995, p.117).

No enunciado “Saímos do Facebook” (fig. 02), observamos efeitos de sentido entre o real e o virtual. Espaços distintos, constituição de sentido e de sujeito. Dessa forma, os efeitos de sentido desses espaços ocorrem a partir da relação entre suas

²¹ Disponível em: < <https://www.soniaranha.com.br/saimos-do-facebook/>>. Acesso em: 15/05/2019

condições de produção (historicidade) e a memória discursiva.

O termo “Saímos”, sintaticamente, remete a primeira pessoa do plural - nós. O sujeito nessa formulação é elíptico, ou seja, oculto, não expresso, podendo ser identificado pela estrutura da língua que se refere ao sujeito. O Verbo sair, “Saímos do Facebook”, por sua vez transita para um termo de complementação ao adjunto adverbial de lugar Facebook.

Na perspectiva discursiva, o sujeito enunciador se insere em uma formação discursiva, na qual consegue pela formulação dizer. Assim, ao dizer “Saímos do Facebook”, nas manifestações de rua, implica em uma mobilidade de sentidos, de espaços de significação distintos. O enunciador se inscreve em uma formação discursiva, assumindo a posição-sujeito x que se diz, em um processo de identificação com o outro. Em outras palavras, agora, as atividades de manifestações estão nas ruas e não só nas redes sociais.

O verbo sair produz um efeito de sentido que nos permite compreender que ao dizer “Saímos do Facebook”, equivale a um enunciador coletivo, que é representado por todos os manifestantes que se organizaram por meio da rede social, se colocando sobre distintas questões políticas e sociais, seja o aumento das passagens do transporte público, os altos investimentos nas capas das confederações e copa do mundo. Trata-se, assim, de acontecimentos de linguagem. O sujeito nas ruas tem a presença real. O virtual se dá ver, ler, a significar no chão da cidade. O que se diz, o modo como se diz sobre as causas de melhorias à cidade, ao país no que tange aos serviços públicos, como saúde, educação e outros perpassam a cidade. Entre o que se diz, na cidade em relação ao país “Trata-se de uma fissura que toca a projeção imaginária de cidade, de lugar de pertencimento do cidadão.” (MOTTA, 2012, p.37). Ou seja, algo que falta, falha produz fissuras. Na rua, na rede social, o discurso para o mundo.

Leiamos a figura 03:

Figura03: Somos a rede social



Fonte: Site Vermelho²²

Na imagem (fig.03), entrecruzam sentidos entre o que se observa na imagem e a linguagem verbal. Os cartazes cada qual com o seu discurso e na faixa central “somos a rede social”. É como se, ideologicamente, o virtual mostrasse a cara à rua. Um deslocamento de sentidos atravessa a formulação. Em letras garrafais, em passeata a parada em uma faixa de pedestre tem uma significação importante. Pode se dizer também que cada qual deixou a internet, o sofá, a casa e foi à rua.

A rua tem, assim, o sentido de expor de se fazer ver de produzir outros efeitos de sentido. Uma mistura de verbal e não verbal, deslocando sentidos, do virtual ao real, produzido na rua. Há de se dizer que a imagem funciona como um lugar de memória, produzindo sentidos, constituindo e textualizando tanto quando o verbal que também se faz presente no recorte (fig. 03). A imagem funciona enquanto acontecimento discursivo, opaca, tendo sua memória própria, desafiando sempre o analista no gesto de interpretar. Assim, Souza (2001) atribui a imagem o status de linguagem.

Com a imagem não é diferente, há imagens que não estão visíveis, porém sugeridas, implícitas a partir de um jogo de imagens previamente oferecidas. Outras são apagadas, silenciadas dando lugar a um caminho aberto à significação, à interpretação. (Souza, 2001, p.75).

²² Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/318993-1> - Acessado em: 15/05/2019

As duas imagens filiam a uma memória discursiva dos movimento de rua. Nesse percurso de manifestação, cibernautas, em face do movimento real de deslocamento às ruas, ocupavam as principais vias pelas cidades brasileiras. Uma convocação para que os usuários da internet não participassem do movimento somente pelas redes sócias. Essa restrição de participação às mídias digitais é definida por Piérre Levy como “sofativismo”.

Segundo Barbosa, em entrevista no mês de março de 2013 ao jornal “O Estado de São Paulo”, o sociólogo Piérre Levy, aborda que o *sofativismo* é uma forma que o cidadão possui para se expressar. Para o autor os sofativistas possuem sua importância levando a informação e incentivando novos sujeitos a participarem das manifestações. É possível observar que os manifestantes que estavam às ruas carregavam cartazes e faixas com a escrita “#vemprarua”, convocando esses ‘ativistas de sofá’ para se juntarem à multidão.

Gomes (2013) compreende que o termo sofativistas em geral, é usado com sentido pejorativo, pois para o autor as ações dos cibernautas não resultam nenhum efeito prático para mudar a realidade, ou seja os sofativistas apoiam as causas apenas por uma questão de comodidade, visto que em todas essas campanhas não se vê o real envolvimento mostrado nas ruas.

Pensando na relação entre as mídias e o sujeito, é possível entender os processos históricos e de identificação do sujeito a uma formação discursiva, bem como a uma região de sentidos, que, neste caso, é a necessidade de deslocamento do virtual para o real. Observamos um processo histórico de identificação, subjetivação na tomada de posição no discurso, por parte dos manifestantes. Partimos da premissa que o sujeito se significa por meio de uma dispersão de sentidos. Os sujeitos se valem da utilização das mídias contemporâneas para tomarem um posicionamento, traçando metas, almejando alcançar um objetivo, qual seja, a reivindicação da redução das tarifas de ônibus e da garantia de outros direitos.

[...] é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre ela mesma, mas é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção [...]. (PÊCHEUX, 1969, p.79).

O sujeito assume uma posição de manifestante nas mobilizações. As condições de produção são questões políticas e sociais do país, naquele período, fizeram com que muitas pessoas tomassem uma posição, assujeitando assim aos protestos. A

representatividade do Facebook para as manifestações, constitui o espaço em que o discurso circula. Em contrário, tem-se o espaço da rua, o sujeito pela materialidade simbólica dos cartazes e o aglomerado de pessoas que no conjunto constituem o discurso.

Há uma formação ideológica que sustenta as formações discursivas. O sujeito na posição de manifestante, reclama sentidos. Ainda que o sujeito diga que é dono de si e do seu discurso ele está sendo interpelado por discursos outros. Orlandi (1999) diz que a ideologia que figura como uma relação com o poder, e o inconsciente compreendido como uma relação com o desejo, estão materialmente ligados, e de maneira análoga constituem o sujeito e o sentido.

A organização do protesto por meio da conectividade, se constitui de enunciados precedidos pela *hashtag*. Segundo Peruzzo (2015), o enunciado “Vem Pra Rua” tornou-se uma das *hashtags* mais utilizadas entre os anos de 2013 a 2015.

Neste ponto, convém uma análise da *hashtag* que, segundo Dias e Silva (2016, p. 191), “é uma forma de agrupamentos ou destaque de informações, do ponto de vista funcional”. É criada através do símbolo “#”, caractere cerquilha (#, Hash em inglês) precedido de um termo escrito ou uma palavra, formando assim uma “Tag” (etiqueta) a exemplo do “#VemPraRua”.

O *Hashtag* ao longo dos anos sofreu alterações, atualmente foi transformado em hiperlink que organiza os Trending Tópicos (assuntos do momento).

À medida que a *hashtag* indica a relevância um tema/assunto para seus usuários, ela indica também uma forma particular de disputa pela palavra, criando por consequência uma espécie de ranking, no qual se disputa a permanência de uma *hashtag* contra outra. Desse modo, se uma palavra ou *hashtag* entra para os *trending topics* é porque foi ela a palavra que “pegou”. Nesse caso, os “assuntos do momento” do Twitter indicariam, na visão dos usuários desse ambiente, o “desejo da maioria”. (SILVEIRA, 2015, p.337)

Ainda nesse sentido, a transformação da *hashtag* em *hiperlink* possibilita, segundo Peruzzo (2015), o direcionamento do usuário para um agrupamento com todos os tuítes publicados que fazem uso do termo. Esse avanço foi a adaptação que o sistema fez referente ao uso e apropriação por parte dos usuários. O mecanismo pode ser enxergado a luz da dimensão discursiva, uma vez que produz e promove o encontro histórico com o linguístico de maneira única, ou seja em sua materialização hipertextual

ocorre uma aproximação da *memória metálica*²³ com a memória discursiva, que define, aproximadamente como uma espécie de "interdiscurso", ou seja, trata-se de um saber discursivo que possibilita que as nossas palavras façam sentido.

Trabalharemos, aqui, com o conceito de memória discursiva, conforme Mariani (apud FERREIRA, 2001, p.20) compreendendo que a memória discursiva faz parte de um processo histórico que resulta de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos. Ferreira (ibidem) ainda menciona o entendimento de Courtine e Haroche, que segundo a autora estes afirmam que a linguagem somada aos processos discursivos são responsáveis por fazer emergir um determinado processo histórico.

A memória discursiva, portanto, refere-se a algo que já foi dito, já foi significado, antes, em outro lugar e ou tempo, a memória discursiva refere-se a aquela que já produz sentido, podendo ganhar novas interpretações e significados. Convém ainda fazer menção as palavras de Dias (2008): “a representação de uma determinada tecnologia de linguagem e escrita não se constrói a partir do instrumento por si só, mas desse instrumento que é sócio-histórico ideologicamente construído em seu funcionamento discursivo, em sua memória discursiva. (DIAS, 2008, p.35).

A memória metálica por sua vez, de acordo com Orlandi, é a memória produzida pela mídia, pelas novas tecnologias de linguagem, para a autora na memória metálica não há filiação de sentidos, apenas estratificação, repetição. A memória metálica seria, portanto, livre de esquecimento. Para Orlandi, a memória metálica:

[...] é a produzida pela mídia, pelas novas tecnologias de linguagem. A memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador, etc.). Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma, como realmente é, em sua estrutura e funcionamento. Este é um efeito – uma simulação – produzido pela memória metálica, memória técnica. Quantidade e não historicidade. Produtividade na repetição, variedade sem ruptura. E o mito, justamente, desta forma de memória é o “quanto mais, melhor”. (ORLANDI, 2010, p. 9).

O uso do enunciado #VemPraRua inaugura uma relação entre os sujeitos e o acontecimento discursivo. Podemos mencionar ainda a relação entre a língua e a

²³ Esse conceito foi definido por Orlandi (1996) para compreender o funcionamento das tecnologias de linguagem a partir do uso do computador e da internet. A memória metálica é predominantemente da instância da circulação, a qual compreende movimentos de repetição, reprodução, replicação, etc. A memória discursiva é predominantemente da instância da constituição dos sentidos.

tecnologia, a formulação “Vem Pra Rua” materializada na *hashtag*. Esta se dá em diferentes funcionamentos, seja em aspectos políticos, sociais, históricos, midiáticos e tecnológicos. Ao encontro da temática, Dias e Silva (2016) defendem o uso das *hashtags* por acreditar que:

[...] as *hashtags* são um dizer que se faz pertinente porque se constituem numa prática de linguagem que expressa uma característica marcante da contemporaneidade, isto é, uma sociedade rodeada de informações “linkadas”; mas que também são demandas do presente ancoradas nos memoráveis, para que os seus termos e links façam sentido. (DIAS e SILVA, 2016. p.197)

O enunciado “Vem Pra Rua” formulado em uma campanha publicitária pela Fiat, marca de automóveis, convoca o povo brasileiro a ir para as ruas celebrar o futebol e a Copa das Confederações 2013. A mesma formulação “Vem Pra Rua” depois é (re)enunciada como uma forma de chamamento à rua, é (res)significada, considerando as condições de produção do discurso, ou seja, o povo brasileiro, as manifestações e protestos no período de junho e julho de 2013, o que se depreende que se trata da mesma formulação, porém o sentido, as condições de produção, a memória discursiva que as atravessam e a significam são distintas, conforme veremos nos itens que seguem.

2.2 “Vem pra Rua”: efeitos de sentido da campanha publicitária da fiat (2013)

O lançamento da campanha publicitária da Fiat ocorre em maio de 2013, sendo que a Copa das Confederações ocorreu entre os dias 15 e 30 de junho do corrente ano. O lançamento da campanha, embora tendo como referência o evento da Copa das Confederações, ocorre de maneira simultânea com os protestos do *Movimento passe Livre*.

O jingle da campanha da Fiat (fábrica e concessionária de veículos) é interpretado pelo cantor Falcão, vocalista da banda *Rappa*. O jingle foi elaborado para a campanha promocional da Copa das Confederações em 2013, ano este que também foi marcado pelos movimentos de rua iniciado pelo *Movimento por Passe Livre*. Vejamos, a seguir, a campanha da Fiat:

Vem Pra Rua (O Rappa)

Vem vamos pra rua, pode vir que a festa é sua, que o Brasil vai tá gigante, grande como nunca se viu.

Vem vamos com a gente, vem torcer, bola pra frente, sai de casa, vem pra rua, pra maior arquibancada do Brasil.

Ooooh, vem pra rua, porque a rua é a maior arquibancada do Brasil. (refrão)

Se essa rua fosse minha, eu mandava ladrilhar, tudo em verde e amarelo só pra ver o Brasil inteiro passar.

Oooh, vem pra rua, porque a rua é a maior arquibancada do Brasil. (refrão)

Importante compreender o jingle no âmbito publicitário. Segundo Figueiredo (2005, p. 111), “são peças cantadas, compostas especialmente para a marca anunciante. Sua melodia costuma ser simples e cativante, fácil de ser repetida e cantarolada pelo ouvinte”. Para sua elaboração, é necessário a realização de estudos, análises referentes ao objeto, as distintas condições de produção. Partimos da premissa que as determinações fazem das condições de produção uma noção norteadora (PÊCHEUX, 1993), buscando “entender como o consumidor vê/localiza a marca em relação às demais no mercado” (RANDAZZO, 1997, p. 290).

Ressaltamos as palavras de Cardoso, Gomes e Freitas (2010, p. 29) “[...] A letra de um jingle é na maioria das vezes escrita usando rimas de fácil memorização, contém os principais atributos e o nome da marca e o seu ritmo advém de uma estrutura simples que possa facilmente ser repetida após algumas audições.”

A publicidade se orienta conforme os objetivos mercadológicos. Segundo Braga (2014), é necessário pensar os diferentes aspectos que configuram o panorama social em que tais campanhas são produzidas, para pensar discursivamente a publicidade quando relacionado ao mercado. O discurso produz efeitos de sentido, de modo que não se diz de forma vaga. A ideologia é quem produz o efeito de naturalização dos sentidos.

Observemos um dos cartazes divulgado pela FIAT, (fig. 4) sobre a campanha:

Figura 4: Campanha FIAT



Fonte: blogspot.com²⁴

Podemos observar na imagem (fig.04) a presença de duas formas materiais da linguagem, o verbal e o não verbal, se complementam na produção de sentido, diferentes textos, que se associam a uma finalidade publicitária, divulgar a fabricante durante o período esportivo. As cores retomam uma memória discursiva, que carregam sentidos, identificam a algo próximo, de pertencimento. O verde e amarelo, são tradicionalmente associados ao nacionalismo, algo que ultrapassa questões geográficas e une um país em torno de algo forte, nesse caso o futebol. As cidades brasileiras, em períodos esportivos, mudam as cores das vestimenta, pintam as ruas, hasteia a bandeira ou qualquer outro objeto que sejam das cores verde e amarelo, um movimento cívico, de apoio e nacionalismo que atinge diferentes classes de forma surpreendente.

Na estrutura linguística, ainda imagem (fig.04) o enunciado “Vem Pra Rua”, observamos que o verbo transitivo “vir” é flexionado na segunda pessoa do singular de modo imperativo afirmativo “vem”, seguido pela preposição “para” na sua forma contraída “pra”, precedendo o substantivo “rua”, que se analisada junto à preposição “pra rua” apresenta-se como objeto indireto. Verifica-se ainda que o enunciado da campanha produz o efeito de convocação, uma mobilização, para o sujeito torcedor ir às ruas torcer pela seleção brasileira de futebol. Observa-se ainda que o enunciado “vem pra rua” está escrito com as cores verde e amarela, e traz um automóvel amarelo, que representam a bandeira nacional.

Pelos recursos linguísticos, do funcionamento da linguagem, no eixo entre a paráfrase e a polissemia há um deslizamento de sentido, instigando o sujeito a ocupar as ruas para manifestar seus descontentamentos com as ações governamentais, ou seja, o vem pra rua que convida para participar da Copa das Confederações desloca-se para o grito contra diversas questões políticas, que são as condições de produção de luta e protestos. Desse modo, podemos ver a ambiguidade da língua, o desdobramento de sentidos pela formulação em uma condição x no país.

A retomada de algo já dito (a partir de uma dada formação discursiva), ainda que por processo parafrástico, pela repetição, faz com que o analista possa observar e discutir considerando a descrição e a interpretação pela língua, no movimento do discurso.

²⁴ Disponível em: <http://luispaulorodrigues.blogspot.com/2013/06/publicidade-da-fiat-virou-hinos.html> - Acessado em: 25/05/2019.

Portanto a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços de dizer. Pelo processo parafrástico se produz formulações diferentes do mesmo dizer, já os processos polissêmicos são os vários significados e sentidos que pode ser compreendido com um mesmo enunciado. Refere-se a um movimento de sentidos. “Confusos, pois obscuros e transparentes, misturados ou combinados, difusos ou dispersos. O ‘mesmo’ e o ‘diferente’ às vezes não são passíveis de distinção do discurso”. (ORLANDI, 2008, p. 50-51).

É indispensável no discurso a associação da paráfrase e polissemia. Segundo Orlandi (1998), é através desses processos que ocorrem a clareza (fluidez) dos sentidos, seja pela repetição do mesmo (processos parafrásticos), ou por processos de rupturas, de deslocamentos de processos de significação (processos polissêmicos). Orlandi (2001, p. 36) diz que: “é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, se significam”, e ainda afirma que é “difícil traçar fronteiras bem definidas entre o mesmo e o diferente, quando se pensa a linguagem do ponto de vista do discurso, dado que o funcionamento mesmo da linguagem se fundamenta numa tensão permanente entre tais processos” (ibidem, 2001, p. 36).

Nesta perspectiva, os enunciados atuam como agente de uma memória sócio-política-histórica, redizendo dizeres, ressignificando saberes, construindo subjetividades e fazendo sentidos. Assim, o enunciado “Vem Pra Rua” convoca os descontentes para juntos manifestar e protestar. Contudo, ressaltamos que o enunciado não é claro o suficiente, não apresentando prontamente as reivindicações dos protestos. Devemos pontuar que o discurso, a língua, base dos processos discursivos, não é transparente.

Ao pensar na rede de significantes do termo “rua” compreendemos que esta pode ser pensada como um espaço de sociabilidade, lugar de confraternização, pensada para além de uma via de circulação. A rua com base no enunciado da campanha publicitária, pode ser pensada como um estádio palco do sujeito torcedor, para torcer por sua equipe, comemorar as vitórias, tais fatos podem ser observados nos termos “festa”, “vem torcer” “sai de casa”, “vem pra rua, a maior arquibancada do Brasil”.

Trata-se, então, de outro processo discursivo a partir da mesma base linguística, do enunciado “vem pra rua” agora pensado na ordem política. O termo rua aqui será pensado através da memória discursiva sócio/política, de modo que o conflito sobressaia as comemorações esportivas. A rua passa a ser pensada como um espaço público,

tomado pelo povo a fim de dizer, questionar, enfim como uma forma para repercutir as insatisfações sociais.

Verificamos que as manifestações abordadas ocorrem nas ruas e praças que projetam o social político, neste ponto o deslizamento de sentido da palavra rua produz o efeito polissêmico presente no enunciado. A rua pode significar correlativamente à “Ágora”²⁵, presentes na Grécia Antiga; segundo Arrunátegui (2010), era um local público onde ocorriam reuniões, lugar em que os gregos (principalmente os Atenenses) discutiam assuntos relacionados à cidade, temas ligados à justiça, obras públicas, leis, cultura dentre outros.

Sobre o assunto, Rolnik (1995, p. 22-23) discute de uma perspectiva sociológica que, do ponto de vista territorial, uma polis (cidade) grega era dividida em duas partes, a *acrópole*, marcado por colinas fortes, era o espaço destinado ao centro religioso. A segunda parte da cidade é definida pela autora como cidade baixa, que se desenvolve entorno da Ágora, representa um poder que é retirado das mãos de um rei único e isolado.

Compreendemos, portanto, que a interpretação do jingle “Vem pra Rua” resulta de um gesto que faz referência a um conjunto de dizeres e práticas já significadas no espaço da rua.

É possível analisar ainda, quanto a segunda estrofe do jingle “Se essa rua fosse minha, eu mandava ladrilhar, tudo em verde e amarelo só pra ver o Brasil inteiro passar”

Mencionado recorte do jingle, remete-nos a memória discursiva de uma música infantil, vejamos:

Se essa rua, se essa rua fosse minha,
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes
Para o meu, para o meu amor passar

Verificamos, portanto, que a formulação do jingle é associada a uma memória de algo já dito, já significado. A música infantil sofre um deslizamento de sentido, ela sofre um processo polissêmico do samba popular, lançado em 1936, por Mário Lago e Roberto Martins “Se essa rua fosse minha”, vejamos:

Se essa rua fosse minha,
Eu mandava ladrilhar,

²⁵ Ágora era o nome que se dava às praças públicas em que ocorriam reuniões na antiga Grécia.

Com pedrinhas de brilhante,
Pra meu bem passear.

A terminologia “Se” presente nos enunciados refere-se a uma “impossibilidade de completude” (ARAUJO, 2015), ainda segundo o autor existe uma forte presença do eu lírico²⁶, o qual se propõe a pegar um bem de domínio público, tomar posse do algo de ninguém (uma utopia sem possibilidade de concretização) e revesti-lo com pedras preciosas.

Assim, o grande diferencial diz respeito as duas últimas linhas dos versos “com pedrinha de brilhantes, pra meu bem passear” em face do “tudo em verde amarelo só para ver o Brasil inteiro passar”. Observamos que o discurso nos enunciados traz uma memória discursiva de enunciados da atualidade, sendo que no primeiro, é possível observar uma memória discursiva na maioria dos brasileiros, uma vez que mencionado samba por vários séculos foram reproduzidos, inclusive virando uma importante cantiga no meio infantil. No segundo, ocorre um processo parafrástico, o discurso, o enunciado remete-nos a atualidade.

De acordo com Pêcheux (2010 [1969]), os discursos são estruturados na relação entre memória e atualidade, e se marcam no funcionamento discursivo por processos parafrásticos, ou seja, na repetição do mesmo em diferentes discursividades, assim “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo o dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória”. (Orlandi, 1992, p. 36). Fato este que foi possibilitado pela regularização dos sentidos no nível interdiscursivo, ou ainda, por processos polissêmicos, que se realizam por meio de rupturas, deslocamentos e/ou deslizamentos, permitindo a inscrição de sentidos outros possíveis concernentes a uma dada conjuntura na formação social. (ORLANDI, 2009).

A paráfrase, como dissemos, pode ser compreendida como um retorno aos mesmos espaços do dizer, no jingle “Vem Pra Rua”, há um já dito, o qual retoma a memória do samba “se essa rua fosse minha”. Por outro lado, através da polissemia temos a possibilidade de um novo sentido de interpretação, através do deslocamento temos uma multiplicidade do sentido do discurso.

A memória portanto, ocupa papel importante na formulação dos sentidos a serem regularizados em nossa formação social. Sobre esse assunto, Mostafa, Amorim e Sousa (2014) esclarecem: “o papel da memória opera de modo a sustentar a

²⁶ O “Eu Lírico” pode também ser denominado de “Sujeito Lírico” ou do “Eu Poético”, conceitos do gênero lírico que designa uma voz que se manifesta na poesia, que representa sentimentos, sensações e emoções de um sujeito fictício que discursa em primeira pessoa

possibilidade de todo dizível, a inscrição de toda e qualquer palavra já que tanto o efeito de regularização quanto o de ruptura depositam-se sobre/sob as palavras já ditas por outrem”.

Podemos verificar, no trecho do samba (Se essa rua fosse minha), que o sujeito toma uma posição discursiva no sentido de ocupação do bem público, ou seja a rua, para enfeitar com pedras preciosas, com a finalidade de agradar seu amor, que iria passear pelas ruas. No jingle, verificamos que o sujeito ocupa uma posição no discurso de tomar o bem público, decorar as ruas, não como pedras preciosas, mas em verde e amarelo, (no imaginário fica presente o civismo, enunciado através de símbolos nacionais) para ver todo o Brasil passar, ou seja, decorar as ruas em verde e amarelo para que todo o torcedor faça das ruas a “maior arquibancada do Brasil”.

Pelas análises, verificamos que a rua realmente foi ocupada por distintas posições sujeito, na posição de manifestantes, e de torcedores de futebol e de torcedores das mudanças no Brasil. Ou seja, a rua como um bem público de movimentos, de discursos e modos de significação.

Por fim podemos observar que o jingle da campanha da Fiat toma novos sentidos entre estes como hino das manifestações populares que ocorreram no Brasil em 2013, confirmando a força da representação e de mobilização pública, cristalizando assim os acontecimentos sociais daquele período.

2.3 Circulação dos sentidos: o discurso dos Manifestos Pré-Copa do Mundo

A onda de protestos iniciada no ano de 2013 intensificaram durante o ano de 2014, período este marcado por uma grande mobilização social. Segundo Braga (2014), no ano 2013 os torneios esportivos “ficaram para segundo plano” diante das manifestações que eclodiram no Brasil, período no qual o enunciado “Vem Pra Rua” tomou grandes proporções, avivando questões sobre o funcionamento discursivo as diversas formações discursivas.

Ainda que o enunciado fora criado para uma campanha publicitaria, a maneira como foi constituído possibilita outras interpretações. Uma rede de novos sentidos. Este fato pode ser compreendido quando o enunciado é reproduzido pelos manifestantes, produzindo então novos sentidos. O “Vem Pra Rua” materializou-se em lugares específicos, como nos cartazes, em sites, de modo que se emergiram outros significados.

[...] o sentido não é uma entidade isolada e independente a ser transmitido pela linguagem, o sentido é relação a, isto é, efeito do contato ideologicamente atravessado entre um dizer aqui e outro lá. (ORLANDI, 2003, p. 25).

O “Vem Pra Rua” tornou-se uma palavra de ordem, sendo dirigida para distintos interlocutores, visando o engajamento às manifestações. Verificamos que ocorre, aqui, uma mobilização discursiva oposta a aquela que se pretendia com a propaganda da FIAT. Portanto, há uma formação discursiva contrária àquela que regula o discurso da propaganda. Ainda que com a mesma construção linguística, existe aqui uma memória discursiva distinta que diverge dos elementos e isto tem a ver com as condições de produção.

Como já dito, a internet foi a principal ferramenta utilizada pelos manifestantes nas manifestações que iniciaram em 2013, impactando a sociedade com a rápida propagação e difusão das informações, como também a possibilidade de múltiplas conexões online.

Surge então o “Vem Pra Rua” como *hashtag*. Observamos que o enunciado passa a ser incorporado ao universo das manifestações, ao ponto de representá-lo e identifica-lo, designando um espaço no ciberespaço.

O ciberespaço apenas recorta o tempo na medida de sua espacialidade e ressignifica o sentido das relações, do estar-junto, do estar-no-mundo, através da linguagem. A medida do tempo está, pois, associada, ao modo como o espaço é estruturado discursivamente. Assim, o espaço define a temporalidade que configura um modo de significação no espaço discursivo (Dias, 2012 p. 29)

Desse modo, o ciberespaço é definido como “espaço da linguagem” (Ibidem, p. 28). Se pensarmos nas manifestações, somos levados a pensar esse espaço digital, que constitui sentidos. Elas funcionavam como lugar de divulgação do que acontecia nas ruas e como espaço de mobilização e promoção de palavras de ordem, *posts* ou *hashtags* relacionados às manifestações. Houve um batimento entre rede e rua, urbano e digital nessas manifestações. (DIAS, 2011, p. 33).

O #VemPraRua utilizado nas postagens pelos manifestantes estabelecem uma relação de sentido pelo discurso que permite aos sujeitos a identificação com o movimento, enunciados como “Não Vai Ter Copa”, “Queremos Escolas e Hospitais no Padrão Fifa”, “Estamos Atrapalhando a COPA? Desculpem a falta de educação”, “Viva a Copa das Manifestações”, “No País da Copa, a Educação Foi Jogada Para Escanteio”,

“Desculpe o Transtorno, Estamos Mudando o Brasil”, dentre inúmeros outros enunciados presentes em cartazes nas manifestações. O povo brasileiro era convocado a se organizar em atos e protestos contra os gastos excessivos para a realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil. Os protestos foram organizados principalmente contra os gastos de dinheiro público em investimentos privados.

2.4 Discurso do Movimento Vem pra Rua: a utilização de enunciados do Hino Nacional Brasileiro nas manifestações (2013-2015)

Uma formulação forte da linguagem nos cartazes dos protestos de 2013 a 2014 é a referência a enunciados pertencentes ao Hino Nacional Brasileiro. Este por sua vez foi tomado como eixo organizador da formação do corpus, à medida da repetição do enunciados tais como “O Brasil mudou de status: de ‘Deitado eternamente em berço esplêndido’ para ‘Verás que um filho teu não foge à luta’, como também “Entre outras mil, és tu Brasil, a mais roubada”, “Verás que um filho teu não foge à luta”, “o Gigante acordou”, dentre outros. Nos convém analisar, portanto, o processo de produção de sentidos em tais enunciados, pronunciados nas manifestações.

Para compreender o discurso, é necessário antes entender que o sujeito é atravessado pela ideologia, e este fato contribui para a tomada de posição. Segundo Rodrigues (2017), os sentidos são produzidos a partir da luta de classes, das relações de poder, da relação de forças, ocorrendo uma disputa pela estabilização de sentidos.

Conforme Orlandi:

A história está ligada a práticas e não ao tempo em si. Ela se organiza tendo como parâmetro as relações de poder e de sentidos, e não a cronologia: não é o tempo cronológico que organiza a história, mas a relação com o poder (a política). Assim, a relação da análise de discurso com o texto não é extrair o sentido, mas apreender a sua historicidade, o que significa se colocar no interior de uma relação de confronto de sentidos (ORLANDI, 2008, p. 42).

A memória nos quais os enunciados de origem foram criados vão se reconfigurando no contato/confronto com outras memórias, produzindo tanto a cristalização quanto o deslocamento dos sentidos. Rodrigues (2017) explica que a história inscrita no hino nacional brasileiro refere-se a um brado de um povo heroico que ecoou às margens do Ipiranga. Diz que a melodia do hino nacional brasileiro foi composta em 1822, por Francisco Manuel da Silva, para comemorar a independência do Brasil, sendo que em 1906 foi instituída sua letra, um poema de Joaquim Osório Duque

Estrada. O hino nacional, com a letra e a melodia como conhecemos atualmente, foi oficializado em 1922.

Nos enunciados “O Brasil mudou de status: de ‘Deitado eternamente em berço esplêndido’ para ‘Verás que um filho teu não foge à luta’”, bem como no enunciado “Verás que um filho teu não foge à luta” observamos um processo polissêmico, sendo que os sentidos que atravessam aos enunciados convocam sentimentos de nacionalismo. O hino nacional é uma forte simbologia de construção identitária do Estado, invoca a ideia de cidadania que requer de seus membros o voluntarismo em defesa dos pressupostos que compõem o ideal de pátria que, por sua vez, não é algo consensual na prática.

A memória discursiva diz respeito à recorrência de dizeres que emergem a partir de uma contingência histórica específica, sendo atualizada ou esquecida de acordo com o processo discursivo, algo falado, antes, em outro lugar.

Pêcheux (2010) argumenta que as redes de memória possibilitam a retomada de discursos já-ditos, atualizando à historicidade do acontecimento discursivo. Por conta destas questões e da paráfrase que marca o eixo organizador do corpus destacamos inicialmente o trecho do hino nacional: Os versos “Gigante pela própria natureza/ És belo, és forte, impávido colosso” produzem o efeito de sentido de grandiosidade, de beleza da pátria, assim como de destemor.

O “O gigante acordou” outro enunciado muito repetido e de ampla circulação nos mais diferentes suportes durante as manifestações, estando entre os trending topics²⁷ brasileiros com a *hashtag* #ogiganteacordou. Deste modo convém-nos observar os deslizamentos de sentidos do enunciado, enquanto acontecimento discursivo ocorrido em momentos distintos da história brasileira.

Embora não haja nenhuma marcação explícita em referência ao hino, em relação ao enunciado (O gigante acordou), para um leitor brasileiro, é de fácil recuperação, afinal o mesmo é ensinado nas redes básicas de ensino, sua letra é amplamente divulgada nas capas de livros e entre outras inúmeras situações a qual todo cidadão brasileiro está exposto.

Embora a teoria discursiva defenda a impossibilidade de delimitar o exato momento em que um discurso irrompe, tomamos, neste trabalho, como efeito de

²⁷ Trending Topics ou TT's é uma lista em tempo real, das palavras mais postadas no Twitter em todo o mundo. (Disponível em: www.twitter-brasil.net/ Acesso em 16 de Abril de 2019.

produção o do enunciado, a propaganda criada por Alexandre Gama, da CCO global da Neogama/BBH, em 2011, para uma campanha da Johnnie Walker, no Brasil.

O comercial da bebida é situado no Rio de Janeiro, iniciando com imagens da Baía de Guanabara. Um barulho irrompe e são exibidas imagens de rochas se rompendo, pássaros voando e, pessoas visualizam o Pão de Açúcar se deslocando da terra em um formato humano. O gigante então realiza seu primeiro ato humanizador: deixa o teleférico nas areias de uma de suas praias. Por conseguinte surge imagens de pessoas paradas no trabalho, no trânsito e nas ruas intrigadas com a movimentação do “gigante de pedra” que segue andando em direção ao oceano. O gigante feito de pedra caminha em direção ao oceano e os caracteres “O Gigante Não Está Mais Adormecido” surge entre o seu caminhar, procedido dos dizeres “Keep Walking, Brazil”.

Por sua vez, o vídeo “Vem Pra Rua – O Gigante Acordou” que inicia com um depoimento do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, concedido ao Jornal da Globo. Na montagem, há a inserção de um ponto de interrogação grande e verde assim que o político realiza uma afirmação “a gente percebe que é um movimento político”. Após uma pausa, Alckmin completa a sentença com a palavra “pequeno” e inserindo na edição a repetição da fala “pequeno”, para exaltar o adjetivo e seu sentido, no caso de desqualificar as manifestações. Após a repetição começa a passar trechos da campanha da Johnnie Walker, no Brasil, regidos pela trilha sonora o “Vem Pra Rua”, do Cantor o Rappa.

Durante o vídeo “Vem Pra Rua – O Gigante Acordou” há a utilização de diversas imagens das manifestações de junho captadas Rede TVT de São Bernardo do Campo, alternadas com trechos da propaganda do Johnnie Walker. O momento final em que o gigante se ergue é mantido até a inserção dos caracteres “O Gigante Não Está Mais Adormecido” e aparecerem, ao final, a frase “Keep Walking, Brazil- Continue Andando Brasil” é substituída por uma montagem com os dizeres “Keep Fighting, Brasil- Continue Lutando Brasil”, e o logo do jogador de polo andando, se torna um aglutinado de pessoas com as mãos para cima. Nos últimos 40 segundos, após um desaparecimento da imagem e do som, surge novamente uma imagem do brasão da Comissão Brasileira de Futebol (CBF) com os dizeres: “Ah, já que daqui a pouco tem futebol novamente, não custa lembrar”, prosseguido de imagens do jogador Sócrates com os dizeres “Há um tempo atrás, tinha até jogador que se preocupava com política e a repressão era muito pior”, fazendo uma alusão a manifestações que Jogadores fizeram

durando a Revolta Militar em (1964 a 1985)²⁸. Na imagem seguinte, aparece um homem branco com uma bandana preta na cabeça e uma bandeira do Brasil com os caracteres “E você? Está esperando o quê? Escale-se!”. Fazendo menção a copa das confederações, e Copa do Mundo,

Observa-se, assim, sentidos transversos que constituem a materialidade discursiva do vídeo e que reverbera sentidos no país a outros acontecimentos, movimentos de rua. O fato da propaganda tomar distintos recortes de linguagens, verbal, imagem, faz significar diferentes modos de leitura, cada qual com a sua significação.

Podemos dizer, ainda, que na sequência, o vídeo exhibe uma imagem de alguém com uma camiseta amarela, que aparenta ser da seleção brasileira, erguida para exibir uma outra camiseta branca embaixo com os escritos “aumento da tarifa não”. Acrescida a essa imagem, há uma provocação nos caracteres: “E já que o assunto é todo mundo entrar em campo, será que Neymar, Fred e Cia (que já andaram muito de ônibus) se negariam a dar essa força também?”. Por fim, o vídeo agradece a colaboração de um suposto grupo para “que o vírus da atitude consciente seja altamente transmissivo, compulsivo e latejante” e, no último segundo, exhibe a “#vem para rua”.

Este enunciado (o gigante acordou) se constitui linguisticamente como uma assertiva sobre um sujeito “experimentador” (“o gigante”) de um processo verbal (“acordar”) gramaticalmente considerado um verbo intransitivo. Contudo, além dos “efeitos descritivos”, é importante considerar a materialidade da significação do enunciado. O enunciado “O gigante acordou”, transita discursivamente do Hino Nacional brasileiro. Como bem se sabe, esse hino foi produzido em comemoração à Independência do país, representado nele por atributos de grandeza territorial (“Gigante pela própria natureza”).

Os atributos da nacionalidade vinculados nos enunciados, dirigem para a afirmação da unidade imaginária entre nação e povo, dando sustentação à orientação política nacionalista ufanista, uma forma de relação acrítica entre sujeito e nação (CHAUÍ, 2004). Em outros momentos da história do país, como na época da Ditadura Militar pós-1964, as formulações do hino passam a ressignificar através de processos polissêmicos, em relação ao acesso e distribuição desigual das riquezas, do país e ainda

²⁸ Segundo o Jornal Estadão, o jogador Sócrates foi um dos principais ativistas do movimento "Diretas Já", que pedia a volta imediata das eleições para presidente do Brasil. Participou de vários comícios (Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,socrates-lutou-pela-democracia-no-futebol-e-na-politica,806551>).

em relação à posição-sujeito do povo em lutar por seus direitos e deveres políticos e sociais.

Do discurso ao nacionalismo heroico e ufanista do Hino Nacional, do enunciado “O gigante acordou” retoma e passa a significar durante os protestos de junho de 2013, movimentando sentidos pela projeção de uma imagem de um povo/país (ainda) “gigante”, porém desperto de sua situação de passividade ou seja agora não mais “deitado eternamente em berço esplêndido”.

Assim, sabemos que as materialidades discursivas são construídas na formulação do mesmo, parafraseando o que já foi vivenciado pelo sujeito (ouvido, lido, entre outras ações). E é nesse jogo que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos e se (re) significam a partir de um dizer que já está estabelecido e sendo reformulando, e que abre espaço para um novo dizer.

“O Brasil mudou de status: de - Deitado eternamente em berço esplêndido- para - Verás que um filho teu não foge à luta -”, o enunciado que circulou nas redes sociais no mesmo período (2013) observamos uma mudança, posição política e ideológica quanto à posição-sujeito povo brasileiro: de um sujeito político passivo, conformado, a uma posição-sujeito ativo, revoltado, um sujeito que “não foge à luta”. O enunciado que define a “nova” posição-sujeito para o brasileiro (“Verás que um filho teu não foge à luta”) é um fragmento do Hino Nacional, consiste em uma repetição pelo movimento em outra condição de produção.

Nas condições iniciais de produção do Hino, a “luta” nele referida significava uma convocação patriótica pela legitimação da unidade e soberania nacionais, visando a garantia dos ideais, da liberdade e da igualdade e, face a outras nações. O povo é significado como “heroico”, “forte” e “Impávido”. Verificamos nessas circunstâncias uma unidade entre a Pátria e Povo. Observamos um sentimento extremo de amor à pátria pelo povo, nos trechos “Desafia o nosso peito à própria morte” / “Nem teme quem te adora a própria morte”. Todavia no cenário dos protestos de 2013 e 2014 outra era a situação, “Verás que um filho teu não foge à luta”.

A formulação produz novos efeitos, é empregado como forma de convocação do povo para o povo, visando protestar e reivindicar direitos sociais, neste caso, pelo discurso, verificamos uma discrepância entre Povo-Cidadão e Pátria-Estado, bem como dos seus representantes políticos.

CAPÍTULO III

MOVIMENTO “VEM PRA RUA” E SEUS DESLIZAMENTOS DE SENTIDO

No capítulo anterior, foi trabalhado discursivamente as diferentes materialidades discursivas, as chamadas de mobilização dos movimentos sociais, buscando compreender pela mobilidade da língua como distintos movimentos sociais se constituem e foram às ruas. Abordamos, também a importância das redes sociais considerando a materialidade discursiva, o simbólico, os efeitos de sentido produzidos e reproduzidos pelo discurso digital em face das manifestações na rua de 2013 a 2015.

Neste capítulo, analisaremos alguns enunciados referentes ao movimento “Vem Pra Urna”, procurando, pela materialidade do discurso, discutir pontos comuns, os elementos que se assemelham ao discurso das manifestações entre 2013 e 2015. De modo que observaremos o modo que distintas formulações tomam as ruas. A produção de sentidos outros quando pensado na manifestação proposta pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), pela formulação do jingle da campanha “Vem Pra Urna” em contraponto a formulação “Vem Pra Rua”.

Podemos, compreender que o texto de imagem tem um modo distinto de funcionamento. Há uma memória discursiva que o atravessa e o constitui. Ao tomar a imagem como uma materialidade discursiva, significa compreender que a linguagem não-verbal possui um significado na história, que a atravessa.

Assim, Souza (2001) afirma que:

O trabalho de interpretação da imagem, como na interpretação do verbal, vai pressupor também a relação com a cultura, o social, o histórico, com a formação social dos sujeitos. E vai revelar de que forma a relação imagem/interpretação vem sendo "administrada" em várias instâncias. (Souza, 2001, p. 73).

De modo que a imagem é construída em distintas condições de produção e que isso intervém no real do sentido do texto de imagem que se lê. Conforme Motta (2016, p. 214), “O texto é constituído, assim, pela engenhosidade de sua engrenagem; suporte material como aquele que não se fecha, faz emergir o histórico, o ideológico pelo discurso”. O ponto nodal neste trabalho consiste em compreender o sentido através do jogo interpretativo da imagem / discurso. Pensando o papel da imagem na constituição da memória e seu processo de interpretação, a compreensão da materialidade discursiva do não verbal, depende de muitas relações, percurso históricos, onde os sentidos são produzidos independente da sua relação com qualquer palavra.

Assim, Orlandi (1995) afirma que:

O sentido tem uma matéria própria, ou melhor, ele precisa de uma matéria específica para significar. Ele não significa de qualquer maneira. Entre as determinações – as condições de produção de qualquer discurso – está a da própria matéria simbólica: o signo verbal, o traço, a sonoridade, a imagem etc. e sua consistência significativa. (ORLANDI, 1995, p. 39).

Como abordado no capítulo anterior, o enunciado “*Vem Pra Rua*” foi uma das *hashtags* mais utilizadas entre os anos de 2013 a 2016, sendo que ao ser enunciado pela primeira vez, pela marca de automóveis, o “*Vem Pra Rua*” convoca o povo brasileiro para ir às ruas celebrar o futebol e a Copa das Confederações 2013. Ocorre que o “*Vem Pra Rua*” foi (re) enunciado pelas chamadas das manifestações que ocorreram no Brasil entre 2013 e 2014, passando a ressignificar em outra conjuntura sócio histórica e política. A formulação “*Vem Pra Rua*” toma corporeidade e os sentidos são outros. Isto é, passa a ser entendido como um chamamento social, para que o sujeito saísse às ruas em protesto ao governo.

É importante compreender o modo como um determinado dizer, pela mobilidade da língua toma outros sentidos. Vale ressaltar que as relações entre os homens são de linguagem, de sentido, e que cada discurso tem a sua condição de produção em um espaço sócio histórico. Assim, a língua não está fora dos acontecimentos. Ao contrário, como se sabe, teoricamente, pela Análise de Discurso, a língua não significa fora da história. Ou seja, a língua se inscreve na história para se significar. Desse modo, é possível depreender que o sentido tem, necessariamente, a ver com as formações discursivas, formações ideológicas e as condições de produção que incidem na/sobre a materialidade simbólica. Dito de outra forma há uma memória discursiva que sustenta a materialidade simbólica que constitui o discurso.

No caso da formulação, o enunciado “*Vem Pra Rua*” veiculado em uma propaganda comercial há um direcionamento, modo de funcionamento. Quando o mesmo enunciado é tomado em chamada pelo movimento social se reveste de outro sentido. O que se observa, então, que há um movimento discursivo e que em cada momento ocorre uma situação distinta. Assim, como distintos são os sentidos que atravessam a formulação.

De modo que a formulação “*Vem Pra Rua*” ao ser veiculada em 2014, pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), sofre distintas mudanças na estrutura, base da língua e a significação. Há um deslizamento de sentidos, o efeito metafórico – *Vem pra rua* – *Vem pra urna*. Há sentidos distintos. Entendemos como efeito metafórico. Compreendemos por efeito metafóricos o deslizamento de sentido produzido pela

substituição de uma palavra por outra. Um constante movimento de ir e vir para o exterior constitutivo da linguagem e os efeitos de sentido instaurados por este movimento de linguagem. Esse movimento da descrição e da interpretação marca profundamente os estudos da linguagem. Dessa forma podemos considerar que essa possibilidade de deslize é constitutiva da língua, visto que não há sentido sem a possibilidade de deslize. (ORLANDI, 2007). O processo de interpretação opera com a paráfrase e a metáfora como constitutivo do funcionamento do discurso.

Há que se observar quem diz para o sujeito, para a sociedade o gesto de ir à urna, o TSE. Então, o que ressoa é o efeito ideológico do movimento de ir, do movimento que não se trata, neste momento, de ir à rua, mas a urna. A urna constitui o espaço do exercício obrigatório de cidadania, o voto. Novamente, observamos que a condição de produção se efetiva à formulação.

3.1 Sentidos em movimento: pra rua e pra urna

As ciências se constituem lançando questões, perguntas que instigam o leitor, o ouvinte a se perguntar pelo sentido. No caso deste estudo, da linguagem, lançamos uma questão que perfila sobre o modo como a rua pode ser compreendida como espaço de linguagem, de movimento de significação. Não se trata de uma rua no bairro, na periferia, mas em ruas que no espaço de distintas cidades constituem uma memória discursiva do poder local. Em linhas gerais, na atualidade, pela mídia, a cidade de São Paulo, a exemplo, a Avenida Paulista tem sido o palco, o ponto de ancoragem de grupos, dizeres, manifestos.

Dos dizeres fomentados, já no capítulo anterior, o “Vem pra Rua” vai tomar corporeidade no social. Gesto de interpretação, leituras possíveis sentidos que extrapolam a rua entre 2013 a 2015 e que se significam no seio de grandes avenidas, ruas brasileiras.

Com efeito, algo do que se diz do enunciado “Vem pra Rua” vai constituir outros sentidos, dizeres, modos de significação. Nessa linhagem, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), lança a campanha (2014) intitulada “*Vem Pra Urna*”.

Assim, entendemos que não se trata de uma mera transposição de uma palavra por outra, mas da leitura que movimenta as distintas formulações em condições de produção também distintas. Antes de adentrar as análises dos enunciados e cartazes divulgados pelo TSE na campanha de 2014 intitulada “*Vem Pra Urna*”, julgamos

importante trazer dois recortes do discurso do, então, presidente do TSE (de novembro de 2013 a 13 de maio de 2014)²⁹, Ministro Marco Aurélio Mendes de Farias Mello:

Descabe apoiar a bandalheira, o quebra-quebra dos encapuzados, o enfrentamento às autoridades. Mostram-se inviáveis a paralisação das atividades, o fechamento de vias públicas, o desatino, quando se tem à disposição o mais eficaz instrumento de modificação da realidade social e política, o voto! Sim, a vontade do povo é soberana, mas deve ser depositada nas urnas e não incendiada nas lixeiras das ruas (Ministro Marco Aurélio Mendes de Farias Mello)³⁰

Vamos marchar com segurança, percebemos que à época não enseja um minimalismo judicial, mas a atuação da Justiça Eleitoral. Também caminharemos para uma propaganda Institucional cujo o mote será: *Não Vem Pra Rua, Vem Pra Urna*. (Ministro Marco Aurélio Mendes de Farias Mello)³¹

O enunciado “Vem Pra Rua”, amplamente divulgado nas manifestações em 2013 pelo discurso, a voz do cidadão, vai adquirir uma outra significação ao ser proferida pelo TSE. Desse enunciado intitulado “Vem Pra Rua”, o “Vem Pra Urna”. Rua e Urna. Observamos que o TSE, ideologicamente, trabalha esse acontecimento político de manifestações de rua, no sentido de uma releitura de rua/urna, na formulação da campanha eleitoral. As manifestações que ocorreram em 2013, o cenário de vias públicas (rua), nos cartazes e vídeos, sujeitos com cartazes e bandeiras, a utilização das cores verde-amarelos têm na sociedade um gesto de grito. De modo que a significação de ir a urna tem um atravessamento de sentido que vem antes da chamada de campanha do TSE.

Nesse sentido a formulação do então, Ministro Sr. Marco Aurélio de Mello “*Não Vem Pra Rua, Vem Pra Urna*.” tem algo que ressoa como interdição à rua. Ao que foi pontuado a rua como “a bandalheira, o quebra-quebra dos encapuzados, o enfrentamento às autoridades” “Sim, a vontade do povo é soberana, mas deve ser depositada nas urnas e não incendiada nas lixeiras das ruas”. E diz, ainda: “Também caminharemos para uma propaganda Institucional cujo o mote será: *Não Vem Pra Rua, Vem Pra Urna*.”

²⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/11/marco-aurelio-mello-toma-posse-como-presidente-do-tse.html>

³⁰ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/internet/midia/campanha/2014/alistamento-jovem-eleitor/release-jovem-eleitor.pdf>

³¹ Disponível em: <http://www.tse.jus.br/videos/vem-pra-urna-campanha-do-tse-incentiva-jovens-a-votarnas-eleicoes-2014>

Assim, compreender a materialidade discursiva dos enunciados proferidos pelo TSE “*Não Vem Pra Rua, Vem Pra Urna.*” têm a sua carga semântica, produz efeitos de sentido. A palavra – Não - o advérbio, tem a sua densidade. É a partir da formulação instituída “Vem pra Urna” que observamos a constituição do texto verbal e de imagem produzida pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Buscamos, portanto, compreender pelas análises os efeitos de sentido no discurso da campanha do TSE de 2014. Assim, dizemos que na posição de analista de discurso, nos colocamos à escuta dos sentidos produzidos pelo discurso da campanha do TSE, como um modo de compreender os efeitos de sentido da formulação do TSE em relação ao dizer dos movimentos sociais. Desse modo, sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso, trabalhamos, portanto, a relação do simbólico com o político, a memória discursiva e a ideologia, que interpela o indivíduo no processo de constituição do sujeito, assujeitando-o a língua³² para a produção dos sentidos.

Ao dizermos, na posição de analista de discurso, somos sustentados, teoricamente, de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. Ou seja, o sujeito é assujeitado à língua para se significar. Isso nos faz pensar numa questão fortemente em relação ao discurso do movimento, a chamada o “Vem pra Rua”, a nosso ver, há uma projeção imaginária, uma busca coletiva do sujeito à rua. Um discurso para um povo, país democrático. Esse efeito de sentido que se esvai pelo discurso “Vem pra Rua”, é um ponto nodal quando se pensa a coletividade, a rua e as relações que a perpassam, de maneira particular.

Pelo discurso há a projeção imaginária de um determinado leitor, aquele que diz usa o mecanismo da antecipação, ou seja, ele se coloca no lugar de seu interlocutor “prevendo” por distintas formulações os efeitos de sentido diante de um determinado discurso. Deste modo, no caso do movimento de rua, é notório uma condição de produção em que naquele momento as parte da população estavam envolvidas por um sentimento de revolta, de inquietação com as condições oferecidas pelo poder público, ao ponto de tomarem o espaço público para demonstrar uma posição x em relação a política de Estado e modo de funcionamento. De outro lado, o TSE em uma outra condição de produção, retoma um discurso em funcionamento nas manifestações, mas direciona em sua campanha que é através do voto que conseguiremos a mudança para o país.

³² Conforme Pêcheux (1995) não se mais ou menos, pouco ou muito assujeitado. O indivíduo se assujeita à língua. Sem isso não há como significar.

Há, portanto, um texto dirigido a um público imaginário, “aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige” (ORLANDI, 1987, p. 09), o texto, assim, tem uma direção o leitor imaginário a quem o texto se destina. Podemos dizer que o fato de uma formulação como o “vem pra rua” ser tomado por uma instituição do Estado possa ser interpretado como ganhar adesão do público. Ou ainda, visando a aproximação com os eleitores brasileiros, em especial os mais jovens, com vista ao voto. Votar é um exercício de cidadania, e que o voto representa a voz do povo.

Nas palavras de Orlandi (2005, p.15) “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observamos o homem falando.” Isso indica que a posição frente aos conceitos fixos, imutáveis, deve ser diferenciada. A língua não é algo pronto, à disposição dos falantes. “O dizer não é propriedade particular, as palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa em nossas palavras” (ORLANDI, 1999, p. 32). Essa relação do dizer com o já-dito é que torna possível na análise a compreensão do funcionamento do discurso, a relação com os sujeitos e com a ideologia.

Vejamos:

Figura 5: Cartaz da campanha “Vem Pra Urna”



Fonte: Tribunal Superior Eleitoral³³

No texto veiculado em campanha pelo TSE (Figura 5), há uma construção entre o texto de imagem e o verbal. Segundo Lagazzy (2007), o não verbal é sobredeterminado pelo verbal. Desse processo de sobredeterminação discursiva pode depreender modos de leitura, gestos de interpretação, efeitos de sentido. A leitura de imagem tomada pela mídia, em muitos textos, há necessariamente, a imagem e a escrita. De modo que através desse efeito ideológico, de sobredeterminação, a mídia passa a funcionar através da redução do não verbal ao verbal, “[...] produzindo um efeito da transparência, da informação, do estável (ou, pelo menos, do diretamente decodificável)” (ORLANDI, 1995, p. 42).

Ressaltamos que, para o analista de discurso, a sobredeterminação de uma linguagem a outra é um efeito do processo de construção do texto. Todavia, cada qual tem a sua significação e sentido. Sentido este que não se encontra explícito no texto. As palavras ganham sentido a partir das posições em que são empregadas, nas distintas formações discursivas nas quais são produzidas. Assim, a imagem também tem a sua

³³ Disponível em: http://www.tse.jus.br/internet/midia/campanha/2014/vem-pra-urna/daniela-mercury/cartaz_daniela_46x64.pdf. Acessado em: 22/05/2019

significação, pois é constituída e atravessada por uma memória discursiva. Conforme Pêcheux (2010):

A memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2010, p.52).

A memória discursiva é algo que sempre fala antes, em outro lugar. Ela é responsável em produzir condições necessários para a produção de sentido no discurso. Seu funcionamento se dá através da repetição dos enunciados, invoca significados por meio do pré construído. Nesse aspecto, Pêcheux argumenta que “a memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 2010, p. 50).

A imagem de uma cantora nacional, popular que se coloca na chamada tem a sua significação. O logo na camisa, a cerquilha, o *hashtag* e a formulação “VemPraUrna” faz um movimento outro de interpretação. Ou seja, a cantora se veste dos pressupostos políticos e ideológicos de que se deva ir às urnas. Assim, a propaganda incide a uma convocação do cidadão para a participação em outra manifestação, mas não se trata de qualquer manifestação, o convite diz respeito a maior manifestação do Brasil, ou seja, as eleições.

Os sentidos não estão na evidência. As palavras ganham sentido a partir das posições em que são empregadas, das formações discursivas nas quais são produzidas. Para Pêcheux (1997), a formação discursiva abrange o lugar de construção dos sentidos, estipulando o que pode/deve ser dito, a partir de uma posição, numa dada conjuntura. Deste modo, o sentido é construído pelo interdiscurso, (a memória discursiva), que constitui a formação discursiva.

Verifica-se, portanto, que o sentido não é evidente e a linguagem não é transparente. Levando-nos a pensar que o sentido das palavras é determinado “pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras [...] são produzidas (isto é reproduzidas)” (PECHEUX, 1997, p.160). Portanto, o sentido não depende somente do significado isolado das palavras que foram ditas ou escritas, ele se inscreve também no não-dito, ou seja, aquilo que significa mesmo antes de ser retomado pelo dito.

A Análise de Discurso analisa o *dito* e o *não dito*, colocando o primeiro em relação ao segundo, procurando explorar as várias formas em sua relação com o simbólico, compreendendo como o texto, objeto linguístico histórico, produz sentido.

Quando se trata do não-dito, “[...] todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer” (ORLANDI, 1992, p. 12). Portanto, fica posto que os sujeitos, os discursos e os sentidos não estão prontos e acabados, pois constantemente estão se (re) construindo, (re) significando no movimento constante do simbólico e da história. Para tanto, o leitor precisa retomar o enunciado para interpretá-lo e compreendê-lo através dos conhecimentos e vivências individuais, pois cada sujeito, ao produzir um discurso, o faz com base no interdiscurso ou memória discursiva.

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Nessa perspectiva, para compreender o enunciado “*Participe da maior manifestação do Brasil*” é preciso remeter aos manifestos que ocorreram durante o ano de 2013, pois os sentidos são condicionados, a forma com que os discursos se inscrevem na língua e na história; trazendo o discurso proferido antes, em outro espaço/tempo.

Importante ainda fazer menção as palavras de Orlandi (2005, p. 34), quando fala sobre leitura discursiva:

[...] consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro modo, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária [...] porque [...] só uma parte do dizível é acessível ao sujeito pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras.

O não-dito não é palavra, mas faz parte do discurso, pois o discurso não abrange uma enunciação completa entende-se, portanto que o *não-dito* é constituinte, é fundador do discurso. Vejamos o entendimento de Orlandi:

Se digo “Deixei de fumar” o pressuposto é que eu fumava antes, ou seja, não posso dizer que “deixei de fumar” se não fumava antes. O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito, mas presente). Mas o motivo, por exemplo, fica como subentendido. Pode-se pensar que é por que fazia mal. Pode ser também que não seja essa razão. O subentendido depende do contexto. Não pode ser

asseverado como necessariamente ligado ao dito. Essa teoria – a da semântica argumentativa – desenvolveu-se aprofundando certas noções, modificando outras, mas também o fato de que o não dito é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se. (ORLANDI, 2010, p. 82)

O não-dito diz respeito às diversas facetas da linguagem; transpassando o dito; o não-dizível, portanto, constitui o espaço do múltiplo, a condição do “vir-a-ser” do discurso. Dessa relação entre o dizível e o não-dizível, ocorre a produção do sentido; em que tanto o sujeito como os sentidos do discurso, o dito e o não-dito são estabelecidos pelas formações discursivas, que ocorrem através dos saberes a memória do dizer, o interdiscurso (ORLANDI, *idem*).

Vejamos a formulação do TSE “*Verás que um filho teu não foge à urna*” (Fig. 6):

Figura 6: Campanha TSE



Fonte: Site TSE³⁴

Verificamos na imagem (Figura 6), marcas que se assemelham remetem às manifestações que ocorreram em 2013. O cenário do cartaz é o de uma via pública, a rua, tomada por manifestantes com cartazes e bandeiras, presente também as cores verde amarela, convocando os sentimentos nacionalistas.

O enunciado “*Veras que um filho teu não foge à Urna*” é uma paráfrase do enunciado “*Veras que um filho teu não foge à luta*” amplamente divulgado e compartilhado nas manifestações de 2013. Convém ressaltar, conforme abordado no capítulo anterior, este enunciado passou a (re)significar no percurso das manifestações. O dizer é recortado do hino nacional brasileiro, ou seja ocorre um gesto de interpretação do hino do país, o que evoca a memória discursiva do nacionalismo. Ao ser tomado como chamada em campanha nacional por uma instituição de Estado faz reverberar sentidos outros de pátria, de civismo. Em outras palavras, passa a produzir outros/novos

³⁴ Imagem retirada do vídeo da campanha do TSE, do alistamento do jovem eleitor - disponível em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/campanhas-publicitarias> - Acessada em: 25/05/2019

sentidos, buscando convocar sentimentos de nacionalismo, para que fossem a urna votar.

No enunciado *verás que um filho teu não foge à luta*, remete-nos ao entendimento que os filhos da pátria (cidadãos) pôr amor à pátria, estariam dispostos a enfrentar qualquer luta. De modo que no enunciado da campanha do TSE (*veras que o filho teu não foge à urna*) verificamos um deslizamento de sentido, um adensamento, uma convocação um sentimento nacionalista, não mais para qualquer luta, mas para que se represente, que faça valer seu direito de manifestar, através do seu voto.

Quando emprega “urna” (seja no termo escrito ou no termo figurado), resgata sentidos relacionados ao voto, democracia, produzindo uma retomada de efeitos de sentido de períodos históricos em que o cidadão não tinha o direito de escolha. Podemos dizer que o sujeito é tomado por memórias discursivas do período do Regime Militar quando faltou liberdade. Remete a pátria, sujeito, Estado e repressão. O período das Diretas Já, bem como das conquistas adquiridas com a Assembleia Nacional da constituinte, ganhando direito ao voto.

Para uma melhor análise do enunciado faremos um histórico do direito ao voto, um dos principais direitos do cidadão, pois através do voto que são decididos os representantes do povo. Contudo é importante entendermos o que representa a história para a Análise de Discurso, uma vez que, ela está sendo tomada não como cronológica.

Amorin (2017, p. 26) esclarece que para o analista de discurso o que interessa da história não é a questão cronológica, os registros, que estão intrinsecamente ligados a ela, mas as condições históricas em que influenciam os sentidos foram/serão produzidos.

Devendo ainda diferenciarmos os termos história e historicidade. A história diz respeito, aos registros, aos conteúdos, sendo que, para o analista de discurso a história faz parte da constituição da produção de sentidos. A historicidade por sua vez, está ligada com o processo de constituição dos sentidos, ainda que fora da ordem cronológica da história. Nesse movimento entende-se a língua como um lugar passível de se perceber a historicidade.

Desta forma, não há como desconsiderar a história, pensada no/pelo discurso para o trabalho do analista. A Análise de Discurso compreende a história como práticas sociais, “todo acontecimento histórico significa, precisa ser interpretado, e é pelo discurso que a história deixa de ser apenas evolução” (FERREIRA e GODOY, 2001, p. 17).

O Brasil é um Estado Democrático, fato este que está diretamente ligado ao direito de sufrágio, ou seja, o voto. Este, torna-se a manifestação de vontade ou preferência do cidadão/eleitor. Salientamos que a democracia é o regime de governo em que todas as importantes decisões políticas estão com o povo, que elegem seus representantes por meio do voto. A Constituição Federal de 1988, prevê a democracia em seu Preâmbulo onde se lê, simbolicamente, o Estado Democrático com todas as suas garantias.

Preâmbulo – Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição Da República Federativa Do Brasil.

No discurso que constitui o Preâmbulo da Constituição Federal, o pronome pessoal “nós” pluraliza o acontecimento discursivo, que institui o Estado Democrático e faz saber os direitos e deveres constitutivos do sujeito de direito. A Constituição Federal de 1988, que institui o direito e o dever produz, pela regularidade jurídica, a individuação do sujeito.

O sujeito é interpelado a significar a construir sentidos, exercícios de cidadania. O voto é parte desse exercício. Observemos a imagem (Figura 7) o enunciado “SEU VOTO VALE O BRASIL INTEIRO”.

Figura 7: Campanha TSE



Fonte: Site TSE³⁵

Vejam os a letra de um dos jingles compartilhados pelo TSE.

Vem pra urna decidir o futuro do país,
Só assim a nova geração vai poder sonhar feliz
A hora é agora, não deixe passar,
É cinco de outubro, é hora de votar

Vem pra urna decidir o futuro do país,
Vem fazer valer seu direito, como a gente sempre quis,
Votar é pra todos, é cidadania,
votar e ser livre, é democracia

Observamos que nos recortes há em comum o chamamento ao voto, em que o TSE enfatiza a importância de se votar.

Esse modo de dizer é textualizado no mote da campanha, (fig. 07) “Seu voto vale o Brasil inteiro” sendo que novamente verificasse presença material da linguagem (verbal e o não verbal), presente na imagem bandeiras, a presença de cores verde e amarelas (que evocam sentimentos patriotistas) bem como a figura do mapa brasileiro (sem as delimitações dos Estados), elementos que produzem sentido convocatório a toda nação, demonstrando união, engajamento no projeto defendido.

Esse chamamento ao voto, também é produzido no enunciado do jingle “Vem pra urna decidir o futuro do país/ Só assim a nova geração vai poder sonhar feliz”. Há portanto, um efeito ideológico em que se exalta o voto, passando este a configurar a posição sujeito do direito. O sujeito do jurídico está amparado a produzir a garantia da legibilidade da cidadania.

A Constituição Federal de 1988 dispõe em seu Art. 1º, cap. I como um dos fundamentos da República Federativa do Brasil: a soberania, mas para que a soberania esteja em conformidade com a democracia deve ser exercida de forma popular, ou seja, poderes são atribuídos ao povo a fim de que este se manifeste, prevalecendo, imaginariamente, a vontade da maioria e essa manifestação de vontade se materializa com o voto.

Chauí (2004), na posição de socióloga, conceitua democracia como igualdade, soberania popular, preenchimento das exigências constitucionais, reconhecimento da maioria e dos direitos da minoria e liberdade. Convém ainda retomar as palavras de

³⁵ Imagem retirada do vídeo da campanha do TSE, do alistamento do jovem eleitor - disponível em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/campanhas-publicitarias> - Acessada em: 25/05/2019

Rosenfield (1994, p.34), quando este afirma: “o discurso democrático é (...) no seu próprio discurso, uma pluralidade de discursos”.

O sentido atribuído a palavra democracia no seu processo de significação nos remete simbolicamente à vontade popular, à liberdade e às conquistas coletivas de um povo ao longo da luta por um Estado democrático. A diversidade de sentidos se materializa conforme os distintos percursos sócios históricos, fazendo com que o processo de (re) significação desenvolva de acordo com cada época.

Chauí (2004) esclarece, ainda, que Cidade democrática, na modernidade,

... é livre, não só porque nela há igualdade política, todos os cidadãos podendo ter igual participação no poder, nas decisões e execuções, mas porque nela a transcendência do poder é tão clara que permite a participação sem risco de identificação. A democracia é livre porque igualitária, pois o que a define é uma proporcionalidade máxima de poder, visto que nela o poder de cada um depende da potência do poder coletivo. A Cidade é que precisa ser livre para que a igualdade política possa ser instaurada” (CHAUÍ, 2004, p.153)

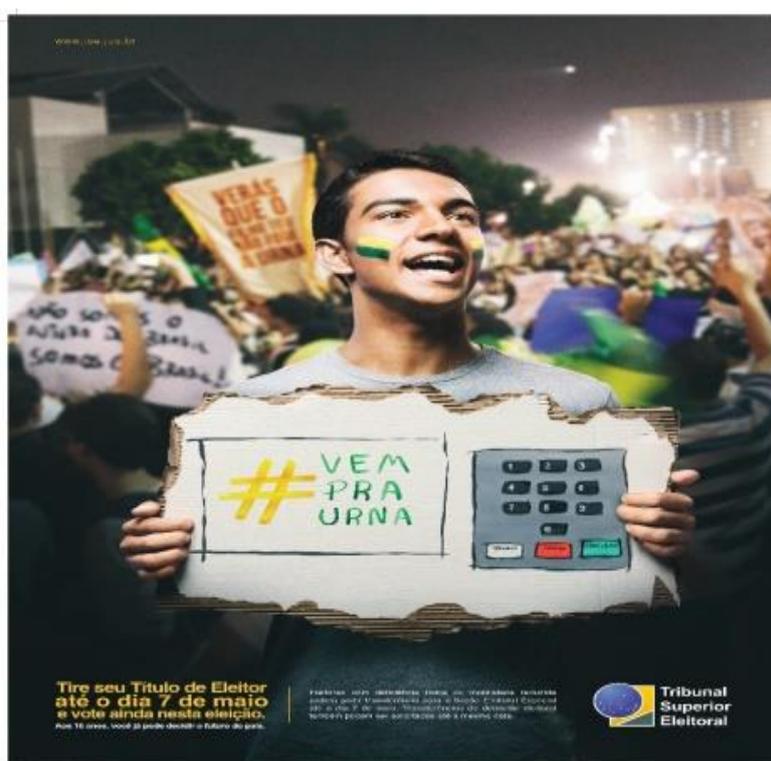
Assim, é pela democracia que, simbolicamente, podemos decidir o caminho para nossa nação, uma cidade democrática constrói possibilidade de participação para todos os setores da sociedade. A participação no processo de escolha dos nossos representantes, pode ser considerado um grande ato da democracia. Nessa direção, a segunda parte do jingle fala “Vem pra urna decidir o futuro do país/ Vem fazer valer seu direito, como a gente sempre quis/ Votar é pra todos, é cidadania, votar e ser livre, é democracia”. A formulação do jingle retoma sentidos de um período em que os cidadãos não escolhiam seus representantes. Há uma memória discursiva de um antes e um depois da soberania do voto. De certa forma faz pensar a marcha nas ruas pelas diretas já.

As “Diretas Já” significa o ressurgimento da redemocratização no país. Além de poder eleger um representante, a eleição direta aponta para mudanças política, também econômicas e sociais. O povo novamente ganha o protagonismo na escolha dos seus representantes. Esse direito foi garantido através de chamadas de ordem, protestos na rua em que o povo pedia eleições presidenciais direta e o direito de votar. Em construção observamos o povo na confluência da rua o que significa a não estabilização e/ou aceitação de ordem impostas pelo Estado. O sujeito as ruas pelas diretas já constituiu um modo de resistir e insistir em uma questão que diríamos simples: o direito de ser ouvido e fazer disso a mudança de um país.

Outro ponto relevante na campanha apresentada pelo TSE, remete à mobilização para o alistamento de jovens. Para Santos (2015, p.43) os jovens eram os grandes protagonistas das manifestações de 2013, podendo este fato ter contribuído para ampla divulgação nas redes sócias e canais do YouTube. O TSE deste modo entrelaça em suas campanhas imagens que reportam ao público jovem (conforme figuras 06, 07 e 08).

O Tribunal Superior Eleitoral centralizou suas ações nos jovens eleitores entre 16 e 17 anos (voto não é obrigatório, convidando-os para tirarem o título de eleitor e fazer a diferença nas urnas. Vejamos a imagem abaixo retirada do vídeo oficial da campanha para o alistamento do jovem eleitor, bem como o cartaz oficial da campanha de alistamento jovem:

Figura 8: Cartaz campanha alistamento jovem



Fonte: Site TSE³⁶

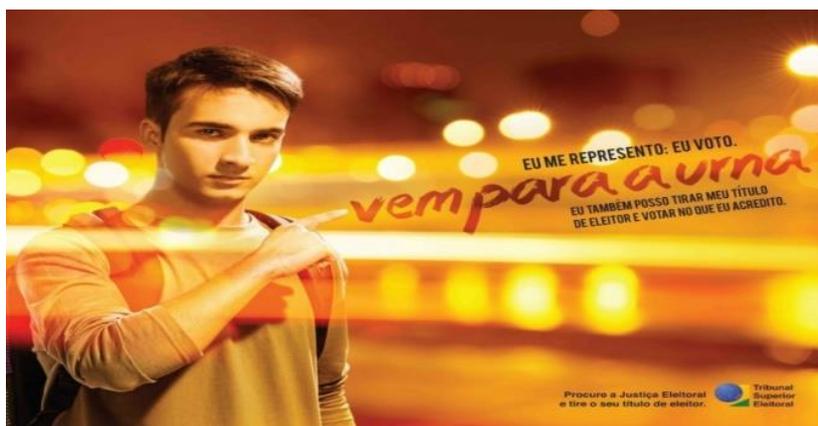
A imagem (fig.8) a *hashtag* #vempraurna entrelaçam sentidos outros com demais formulações, distintas formações discursivas, que faz pensar conforme (fig. 08),

³⁶ Imagem Cartaz TSE Vem Pra Urna- disponível em: <http://www.tse.jus.br/imagens/imagens/cartaz-tse-vem-pra-urna>. – Acessado em: 25/05/2019

que “Seu voto vale o Brasil inteiro”. Os vídeos para televisão, spots para rádio e cartazes, a veiculação da campanha que iniciou no dia 25 de março de 2014.

No filme da campanha do TSE “alistamento do jovem eleitor” (30 segundos de duração), homens e mulheres aparecem em uma espécie de manifestação, os eleitores levantam bandeiras e cartazes com vários dizeres a favor do voto, no meio dessa manifestação um jovem segura uma réplica de papelão no formato de urna eletrônica e com a palavra Brasil escrita no local onde aparece o nome do candidato). É importante pensar sobre as condições de produção do filme que rememora as manifestações de rua. Novamente verificamos sentidos que se tocam entre o que se presentificou às ruas, manifestações, com a imagem de propaganda (fig. 08) de cunho publicitário de chamada de alistamento para o voto.

Figura 9: Cartaz campanha alistamento jovem



Fonte: Site TSE³⁷

Os cartazes de propaganda (Fig. 06, 07, 08 e 09), apresentam a imagem de jovens em situações cotidianas público entre 16 e 18 anos, foco da campanha, para o qual o alistamento eleitoral é facultativo.

A lei classifica o jovem entre 16 anos (completos) a 18 anos (incompletos) como menor púbere, ou seja, aquele que, em razão da sua idade, não alcançou a capacidade jurídica plena para o exercício de seus direitos, devendo ser assistidos nos atos jurídicos pelos seus pais ou responsáveis legais (curador ou tutor). A figura do assistente existe

³⁷ Imagem Cartaz TSE Vem Pra Urna- disponível em: <http://www.tse.jus.br/imagens/imagens/cartaz-tse-vem-pra-urna>. – Acessado em: 25/05/2019

para assegurar a regularidade dos atos praticados ou negócios celebrados pelo assistido, bem como do respeito aos direitos deste.³⁸

No enunciado (fig. 09) “Eu me Represento: Eu Voto” e a imagem de um jovem produz efeitos de sentido. A posição sujeito do jovem na propaganda e a formulação textualizando em primeira pessoa “Eu voto” tem de certa forma um modo de individuar o sujeito em direitos e deveres.

O texto de propaganda, o texto verbal e o não verbal, cada qual têm sentidos que tocam a posição-sujeito e a sociedade. Em outras palavras, a questão não é ir às ruas, mas ir às urnas. Isto é o jovem, ainda, que não em obrigatoriedade deve votar. Assim, temos de forma constitutiva o voto perfilando sentidos ao sujeito.

A segunda parte do enunciado (fig. 09) diz: “Eu também posso tirar meu título de eleitor e votar no que eu acredito”. Ou seja, o público alvo, o jovem, que votar é um ato de representação, de se fazer escutar, de se valer das opiniões. No dizer “eu me represento” permeiam sentidos de independência, de autossuficiência. Assim, a deslinearização da leitura dos distintos enunciados que configuram a chamada para a rua, para a urna. Podemos pensar sobre os efeitos de sentido produzido pelo discurso político tomado pelo TSE, como um chamamento ao país. O voto, portanto, é o elemento norteador. De modo que o jovem, no gesto de portar o título de eleitor significa fazer parte da mudança política no Brasil.

Em face de chamada de campanha para o voto, ressaltamos que a eleição presidencial realizada em 2014³⁹, contou com dois turnos para eleger o presidente da República Federativa do Brasil (por período de quatro anos). A presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), foi reeleita com mais de 54 milhões de votos. A candidata venceu o segundo turno com 51,64% dos votos válidos. Essa eleição, segundo o Jornal Gazeta do Povo, considerada a mais acirrada no Brasil após a redemocratização.

A reeleição da Presidenta Dilma Rousseff, culmina em sentidos controversos em que manifestantes, saem às ruas solicitando mudanças, novas atitudes. Nesse ponto verificamos uma divisão do movimento que ocupava as ruas, em que uma parte protestava visando o impeachment da Presidente da República, e a outra parte manifestava em favor do voto. Dos manifestantes às ruas, o grito por impeachment.

³⁸ Disponível em: <https://nataliaolvrn.jusbrasil.com.br/artigos/343512959/representacao-ou-assistencia-aspectos-praticos-da-capacidade-processual-de-menores-de-idade>

³⁹ Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/relembre-2014-votacao-presidente-municipios/>

3.2 Os deslocamentos de sentidos do “vem pra rua” 2013 ao “vem pra rua 2015”

A expressão “Vem Pra Rua” em 2013, como vimos, no percurso deste trabalho, remete-nos, inicialmente, a ideia do jingle de campanha da Fiat. Posteriormente o enunciado passa a (re)significar com um chamamento para as participações da população nos movimentos de rua, para que todos ocupassem o espaço público para reivindicar as melhorias que considerassem necessárias. Neste momento, observamos uma manifestação de massas, conforme abordado nos capítulos anteriores, em que não existam pautas exatas, todos podiam levantar questionamentos.

Para Morgenstern (2015) um movimento de massa é criado com uma causa genérica, real ou irreal, a exemplo do preço da passagem de transporte – ônibus – no Brasil. Segundo o autor nas manifestações de massa a revolta inicial, ou seja, o “motivo” é sempre abandonado dias depois, criando novos pedidos abstratos, como saúde, educação, transporte.

O movimento em massa não possui essa denominação por contar com muitos adeptos, mas pelos pedidos genéricos, abstratos, sem objetivos claros. Para o Autor (op.cit.) o que começou em 2013 (de junho de 2013 perdurando praticamente até antes do período eleitoral de 2014) foi um movimento de massa, podendo ser observados nos cartazes, slogans, gritos genéricos, frases de efeito, mas nenhum objetivo concreto. Morgenstern (2015) argumenta que em 2013 existia “um protesto pelo protesto” para o autor até os enunciados “Vem pra rua” ou “O gigante acordou” faz menção apenas ao próprio protesto, não ao seu objetivo, ao ponto que se os manifestantes parassem para conversar uns com os outros sobre o que pensam, seus valores, posições políticas e objetivos, provavelmente o movimento enfraqueceria.

Tal fato ocorreu em 2015 quando notoriamente os manifestos dividiram em duas partes, uma contra o golpe e outra a favor do impeachment. As manifestações de 2015, por sua vez, possuíam uma pauta bem definida, o impeachment (ou impugnação) de Dilma Rousseff, ou seja, possuía um foco, um objetivo, sendo que os protestos cessaram tão logo logrem resultado.

Entre tudo que expomos até o momento, verificamos algumas formas de re(produção) do enunciado “Vem Pra Rua”. Inicialmente verificamos uma paráfrase do jingle da campanha publicitária nas manifestações, deflagrando novas significações e outros gestos de interpretações. Segundo Costa (2016, p. 71), em 2015, o “Vem Pra Rua” deixou de ser o título da jingle da campanha publicitária da FIAT, bem como,

deixa de ser a chamada para os protestos, passando a assumir o perfil do Facebook, o “Vem Pra Rua Brasil” em que era possível aos usuários da página fazer sugestões, enviar perguntas. A página ainda divulgava os acontecimentos dos manifestos através de informações enviadas pelos usuários. O “Vem Pra Rua Brasil” passa a significar como um perfil de um movimento.

Nesse sentido o enunciado “Vem Pra Rua” reaparece como um elemento designador e catalisador para o movimento que organiza no espaço digital. O “Vem Pra Rua” em 2015 e (re) produzido como um site que interage com os sujeitos, estes encaminham e são informados sobre as manifestações pelo Brasil. Segundo Braga (2016, p.13), o enunciado passa a ser reconhecido “além do âmbito da propaganda, sendo incorporado ao universo das manifestações de modo a representá-lo e identificá-lo”. O “Vem Pra Rua” deixa de ser o mote de uma campanha publicitária, e um chamamento para participação social nas manifestações.

Em suma, o enunciado torna-se um nome que designa um espaço da rua ao ciberespaço, passando a ser à rua a manifestação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso deste trabalho, as reflexões construídas em nossa pesquisa, as leituras, imersão teórica, nos levaram a compreender os modos de significação do sujeito em distintos espaços e tempo. Bem como, buscamos ler discursivamente a rua, entender como ela significa e é significada no decorrer da história e espaço. Ao fim, compreendemos que rua é a (re)significada como um grande palco de lutas de posições político-ideológicas.

Pensamos o funcionamento discursivo dos manifestantes nas ruas das diversas cidades brasileiras, discutindo a cidade enquanto sentido, corporeidade em que se movimenta os discursos das manifestações sociais – rua – espaço da significação, como também a maneira como os manifestantes se fazem ouvir pelo/no movimento de ir às ruas para protestar.

Os protestos que ocorreram entre 2013 a 2015 suscitam a memória discursiva de outros movimentos de rua. Sendo que através da memória discursiva, os enunciados pré-construídos retornam em novas formações discursivas, estabelecendo relações, sentidos com o que já foi dito. Um movimento de sentidos entre a memória e a atualidade.

Contudo as manifestações entre 2013 a 2015, tiveram uma característica inovadora, a internet, ou seja, ora o movimento ocorre no espaço das ruas, ora ocorre nas redes, no ciberespaço. Nesse sentido, a utilização da internet emerge como uma ferramenta importante de linguagem na organização e divulgação das ações, bem como para convocação social dos atos.

Verificamos ao longo dessa pesquisa como as redes sociais, na atualidade, tornaram-se ferramentas prioritárias das manifestações, propiciando manifestos com maiores proporções, devido a rápida e fácil propagação de informação.

Os movimentos sociais abordados no decorrer desta pesquisa ocorrem dentro de uma sociedade que sofre constantes mudanças e ou transformações, seja em aspetos tecnológicos, culturais, sociais, ideológicos e/ou políticos. Mencionadas mudanças interpelam os sujeitos em múltiplos sentidos, sendo que dessas mudanças surgem vários descontentamentos individuais que em dado momento são “unificados” por um determinado grupo social que se mobilizam para dar visibilidade, no espaço urbano, a distintos problemas e possíveis soluções.

Para tanto analisamos o sujeito-corpo no discurso dos movimentos sociais, compreendendo-os repletos de sentidos e memórias, como um espaço de resistência. Percebemos que nos movimentos sociais, os sujeitos que resistem e protestam passam a constituir a corporeidade da cidade, neste ponto retomamos as palavras de Orlandi (2004, p.11) quando menciona que “*o corpo dos sujeitos e da cidade estão atados de tal modo que formam um, de modo que o destino de um está ligado ou do outro*”.

Observamos que os movimentos que ocorreram em 2013 no Brasil contaram com uma diversidade de personagens e de pautas nas manifestações. De modo que não se pode falar em um movimento social, mas sim em uma articulação de vários movimentos sociais, uma rede de movimentos sociais. Demonstrando, assim, ser um movimento de massas, sem defender uma bandeira específica, pois os manifestos de 2013 iniciaram com o aumento das passagens do transporte público, e mesmo após acordo com o, então, governo para reduzir os preços das passagens os manifestos continuaram, com novas pautas, a exemplo dos pedidos por melhorias nos serviços públicos no “padrão FIFA”, fazendo alusão ao momento esportivo que passava o Brasil, como a Copa das Confederações e Copa do Mundo.

Neste período vários enunciados eram estampados em cartazes presentes nas manifestações, sendo que escolhemos alguns para analisar no decorrer desta pesquisa, como: “o gigante acordou”, “o Brasil mudou de status, de deitado eternamente, para veras que um filho teu não foge à luta”, inclusive o próprio “Vem Pra Rua” que em 2013 foi utilizado como uma chamamento para a participação da população nos manifestos, e no decorrer das manifestações foi ganhando novos sentidos.

Observamos que o enunciado “Vem Pra Rua” no início de 2013 convoca uma mobilização, para o sujeito torcedor ir as ruas torcer pela seleção brasileira de futebol, mas através de recursos linguísticos e do funcionamento da linguagem, entre a paráfrase e a polissemia há um deslizamento de sentido, instigando o sujeito a ocupar as ruas para manifestar seus descontentamentos com as ações governamentais. Contudo no decorrer do movimento novos sentidos são empregados a este mesmo enunciado que passa a convocar o próprio manifestante a sair das redes e ir para rua. Verificamos ainda que deste enunciado, metaforicamente produz-se o enunciado Vem pra Urna; em Campanha eleitoral do Tribunal Superior Eleitoral, produzindo sentidos contrários, em que as mudanças devem ser feitas às urnas e não às ruas.

No enunciado “Vem Pra Rua”, em 2015, passa a ser reconhecido além do âmbito da propaganda. Passa a representar e identificar as manifestações ou seja o “Vem Pra

Rua” deixa de ser o mote de uma campanha publicitária, e um chamamento para participação social nas manifestações, passando a ser o próprio manifesto. Em suma, o enunciado torna-se um nome que designa um espaço da rua ao ciberespaço, passando a ser à rua a manifestação.

Compreendemos com esta pesquisa que a língua não é uma unidade fechada, pois permite diferentes significações no discurso, a depender das distintas formações discursivas na qual o sujeito pode se inscrever, interpelado pela ideologia e definindo a sua posição; podendo assim, produzir novos sentidos. Ressaltamos portanto as palavras de Orlandi (1996, p.5) quando ensina que o sentido no discurso “não é uma tarefa operária de cálculos”, ou seja não exata, assim, o sentido sempre poderá ser outro.

Ao darmos os encaminhamentos finais deste trabalho, acreditamos que novas compreensões e novos olhares serão possíveis a partir desta pesquisa, pois ao analista de discurso, decorre a função de questionar a literalidade dos sentidos, Pêcheux (1990, p. 160) diz que “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma preposição, etc., não existe em si mesma, com sua relação com a literalidade”.

Refletimos as manifestações de rua pensando as novas ferramentas digitais nesse espaço, se mostra como um instrumento de grande valia para possíveis deslocamentos, sejam eles por parte dos sujeitos manifestantes, ou por parte dos representantes governamentais. Assim, deixamos em aberto a possibilidade de novos questionamentos e apontamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. **Cyberativismo e Primavera Árabe**: Um estudo sobre o uso da Internet no Egito para a construção da grande ruptura de 2011. 2013. Disponível em: <<http://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/viewFile/17/14>> Acesso em: 15 de setembro de 2018.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANDRADE, Ana Paula Silveira de. **O povo nas ruas**: A Revolta do Vintém. Disponível em http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13593/13593_1.PDF. Acesso em 23/05/2019.

ARAÚJO, M. A. **Reflexões Sobre A Cantiga “Se Essa Rua Fosse Minha” Paralelos Com a Psicanálise**. Ciclo II – outubro de 2015. Disponível em: <<https://centropsicanalise.com.br/andrade-araujo-mariana-reflexoes-sobre-a-cantiga-se-essa-rua-fosse-minha-paralelos-com-a-psicanalise-ciclo-ii-outubro-de-2015/>>, acesso em 10 de janeiro de 2019.

ARRUNÁTEGUI, G. A. D. F. **A Ágora Ateniense**. Escavações no Coração da Atenas Clássica. São Paulo: Campinas, 2010.

BRAGA, J.L.; LOPES, M.I.V.de; MARTNO, L. (Orgs.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus/Compós, 2012.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

CARDOSO, P. R.; GOMES, N.; FREITAS, E. S. L. O papel da música nos anúncios publicitários de televisão: uso estratégico e impacto no consumidor. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. vol. 7 . 11-35, mar. 2010.

CARVALHO, MARCELO SAVIO; CUKIERMAN, H. L.. Os primórdios da Internet no Brasil. **História de la Informática en Latinoamérica y el Caribe**: investigaciones y testimonios. 1ed.: Río Cuarto, 2009, p. 1-301.

CAVALCANTI, V. R. A. **As manifestações de junho de 2013**: uma análise a partir do embate teórico entre democracia e pluralismo agonístico. 2013. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

"CHAUI, m. s. (2004). **Conformismo e resistência**. Org. de Homero Santiago. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Perseu Abramo.

_____ (2011). **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez.

_____ (2013). **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. Org. de André Rocha. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Perseu Abramo.

_____ (2003). Marilena de Souza Chauí – Docteur Honoris Causa. São Paulo: FFLCH.

_____. & carvalho franco (1978). Maria Sylvia. **Ideologia e mobilização popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea.

CHEQUER, R., BUTTERFIELD. C. **Vem Pra Rua**. 1. Ed. – São Paulo: Matrix, 2016.

COSTA, M. C. C.: **Introdução à ciência da sociedade**/São Paulo: Moderna, 1987.

"DIAS, C. P. **Sujeito, sociedade e tecnologia**: a discursividade da rede (de sentidos). São Paulo – SP: Hucitec, 2012.

_____. Memória & escrita: o atravessamento de sentido das cartas no e-mail. In: **Letras**, v.18, n. 2. Santa Maria: 2008, p. 35-49.

_____. **Da corpografia**: ensaio sobre a língua escrita/escrita na materialidade digital. Santa Maria, UFSM: Programa de Pós-Graduação em Letras. v. 7, 2008.

DIAS, C. P. **e-urbano**: sentidos do espaço urbano/digital. 1. ed. Campinas: Labeurb, 2011. v. 1. 135p.

DIAS, C. P. Sujeito digital: sentidos de um novo paradigma. In: Eduardo Guimarães. (Org.). **Cidade, Linguagem e Tecnologia**: 20 anos de história. 1ed.Campinas: Labeurb, 2013, v. 1, p. 44-64.

DIAS, L. F.; SILVA, C. D. Os espaços de trabalho com a língua na pesquisa científica e no ensino: as hashtags em pauta. In: Ana Maria Di Renzo; Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta. (Org.). **Ciência, língua e ensino**. 1ed.Campinas: Pontes, 2016, v., p. 189-208.

FARAH, M. F. S. **Política e sociedade: as manifestações de rua de 2013 e 2015**. Estadão, São Paulo, 12 maio de 2015. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/politica-e-sociedade-as-manifestacoes-de-rua-de-2013-e-2015/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro (coord.). **Glossário de Termos do Discurso**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2001.

FIGUEIREDO, C. **Redação publicitária** – sedução pela palavra. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

FRAGOSO, É. A. Há separação entre língua e discurso? **Revista Igarapé**, Porto Velho (R0), v.4, n.1, p.71, set/dez. 2014.

GIMENES, E. M. Os efeitos de sentidos das Diretas Já: A sucessão presidencial. In: **Estudos da Linguagem**: Língua, Sujeito e História. Campinas, SP: Pontes, 2012.

GOHN, M. G. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____, Maria da Glória. Classes Sociais e Movimentos Sociais. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 2: Crise Contemporânea, Questão Social e Serviço Social. Brasília: CEAD, 1999.

GOMES, M. **A importância do sofativismo para a movimentação e segurança dos protestos nas ruas**. Publicado em 15 de junho de 2013. Disponível em: <http://marcogomes.com/blog/2013/a-importancia-do-sofativismo-para-a-movimentacao-e-seguranca-dos-protestos-nas-ruas/>, acesso em 15 de janeiro de 2019.

HAROCHE, C. **Fazer Dizer Querer Dizer**. São Paulo: Hucitec, 1992.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INDURKY, F. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

_____, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. *Organon – Discurso, língua, memória*. Porto Alegre, v.17, n.35, p. 101-121, 2003.

IRION, C. **As Redes Sociais e as Manifestações no Processo Discursivo**. Pouso Alegre-MG, 2013, Universidade do Vale do Sapucaí.

JESUS, Ronaldo Pereira de. A Revolta do Vintém e a crise da Monarquia. **História Social** (Campinas), v. 12, p. 73-89, 2006.

LACERDA, M.; KROHLING, Aloisio. Os novos movimentos sociais e as jornadas de junho no Brasil. In: **Semana de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo**, 2014, Vitória. Anais da Semana de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2014. v. 1.

LAGAZZY, S. O recorte significativo na memória. In: **III SEAD- Seminário de Estudos em Análise de Discurso- O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. Simpósio I: Língua, hiperlíngua e arquivo, 29 out- 1 nov. 2007, Rio Grande do Sul: UFRGS.

_____. **Discussão do Sujeito no Movimento do Discurso**. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP, 1998.

LARA JUNIOR, N. A ideologia do capitalismo nos movimentos sociais brasileiros: os - nós-do-governo-. **Psicologia-Universidade de SP-USP** (Impresso), v. 29, p. 169-178, 2018.

LENZI, Tié. **Políticas Públicas**. s/l, 2017. Disponível em: Acesso em 19 dez. 2017.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, R. "Não vai ter copa" e "Vem Pra Rua": Uma Análise dos Enunciados e seus Possíveis Estatutos de Fórmula. Rio de Janeiro, 2014, Universidade Federal Fluminense.

MELITO, L. **Conheça as origens do Movimento Passe Livre**. EBC- Empresa Brasil de Comunicação, São Paulo, 18 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/06/conheca-as-origens-do-movimento-passe-livre>>. Acesso em: 19 de setembro de 2018.

MITTMANN, Solange. (Org.). **Análise do discurso: dos fundamentos aos desdobramentos** (30 anos de Michel Pêcheux). 1ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015, v. 1, p. 335-349.

MOSTAFA. S. P., AMORIM, I. S., SOUZA, L. M. A. Filosofia e Discurso na Ciência da Informação: **Tessitura de Encontros**. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2014

MOTTA, A. L. A. R. O discurso ambiental no contemporâneo: a Constituição Federal e a Lei Orgânica. In: **IV Seminário de estudos em análise do Discurso**, 2009, Porto Alegre. **IV Seminário de estudos em Análise do Discurso**, 2009.

_____. A regularidade jurídica e o Desvão urbano. In: **Estudo da Linguagem: Língua, sujeito e história**, Campinas, SP, 2012.

_____. A posição-sujeito leitor e o mercado de trabalho. **Revista Interfaces**, v. 07, p. 7-16, 2016.

_____. Planejamento Urbano: A voz da Cidade. In: **Linguagem, História e Memória discursos em movimento**. Campinas, SP: Pontes, 2011.

NUNES, A. F. ; ARITA, C. H. ; CARVALHO, Juliano M. . A política de implantação da Internet no Brasil. In: **XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**, 1999, Rio de Janeiro/RJ. Anais do XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom. Rio de Janeiro-RJ, 1999.

NUNES, J. H. O espaço urbano: a “rua” e o sentido público. In: **Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Do sujeito na história e no simbólico. **Escritos nº 4**. Campinas, SP: publicação do Laboratório de Estudos Urbanos Nudecric/LABERURB, maio, 1999, p. 17 - 27.

"ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2002.

_____. A casa e a rua: uma relação política e social. In: **Discurso em análise: Sujeito, sentido e ideologia**, Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. Paráfrase e Polissemia. A fluidez nos Limites do Simbólico. Rua - **Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP – NUDECRI**. Campinas, nº. 4, mar. 1998.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. **Discurso e texto**. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas, Pontes, 2012.

_____. **Discurso em Análise: Sujeito, sentido e ideologia**, Campinas SP: Pontes Editores, 2012.

_____. **Gesto de Leitura**: da história no discurso, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Discurso e textualidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. Exterioridade e ideologia. In: **Cadernos de estudos linguísticos**. SP: Pontes, 1996.

_____. Efeitos do verbal sobre o não verbal. Campinas, **Revista Rua**, n. 1, p. 35-47, 1995.

_____. **Interpretação, autoria, leitura e efeito do trabalho simbólico**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. N/O Limiar da cidade. In. **RUA, UNICAMP- NUDECRI**. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. Sentidos em fuga: Efeito da polissemia e do silêncio. In **Sujeito, Sociedade, Sentidos**, Campinas, Editora RG, 2012.

PANTOJA, S., FERREIRA, R. **Evolução da Internet no Brasil e no Mundo**. 2000. Disponível em: <<https://www.facterj-rio.edu.br/downloads/bbv/0032.pdf>> Acesso em: 15 de setembro de 2018.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Unicamp, 2ª edição, 1995.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi – Campinas, SP: Pontes, 6ª edição, 2012

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P, [et al]. **Papel da memória**. Tradução José horta Nunes. Campinas: Pontes, 2010.

PERUZZO. C. M. K. Representações Dos Movimentos Populares Na Mídia e Como Eles Se Representam: Visibilidade Pública E Perspectivas Cívicas. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul – v. 14, n. 28, jul./dez. 2015, p. 31-49.

RANDAZZO, S. **Criação de mitos na publicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ROLNIK, Raquel, **O que é cidade**, coleção primeiros passos, SP: Brasiliense, 1995.

ROSENFELD, Denis L. **O que é democracia**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).

SAKAMOTO, L. [et al]. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: Ermínia Maricato. (Org.). **Cidades rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1ed.São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013, p. 95-100.

SANTOS, A. S. dos. **Movimento Não Pago**: emergência e condições de representação no cenário público de Aracaju/SE. Aracaju. Universidade Federal de Sergipe. 2014.

SANTOS, J. V. **Juventudes partidárias em Sergipe**: organização, formas de atuação e engajamento militante. Aracaju. Universidade Federal de Sergipe. 2015.

SILVEIRA, Juliana da. Análise Discursiva da hashtag #onagagné: estrutura e acontecimento. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro;

SILVEIRA, S. A. da (2010), “Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo”, **Revista USP**, (86), p. 28. DOI :10.11606/issn.2316-9036. v0i86p28-39.

SOUZA, Tânia C. C. de. “A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação”. In **Rua** n ° 7 NUDECRI – Campinas, SP: Unicamp, março 2001.

UGARTE, D. de (2008), **O poder das redes**: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo, Porto Alegre, EDIPUCRS.

VILLELA, G. **O Brasil foi às ruas em junho de 2013**. O Globo, Rio de Janeiro, 15 de maio de 2014. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090#sobreAcervo>>. Acesso em: 19 de setembro de 2018.

ZOPPI, F. Um estranho no ninho- entre o jurídico e o político: o espaço público urbano, In **Revista Rua**, 53 65, 1999.